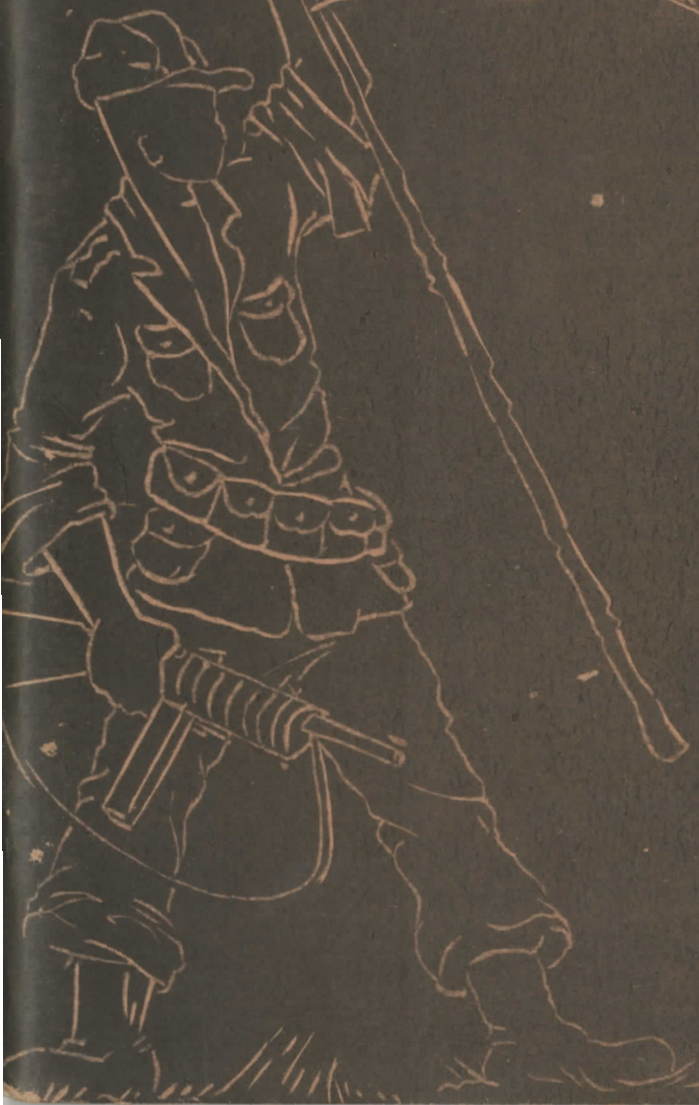


Set. 67

# CADERNOS REVOLUCIONARIOS



CEA

**LEA**

**CADERNO REVOLUCIONÁRIO Nº 3**

TRUONG CHINH

**A RESISTÊNCIA,  
VENCERA**

— ÚLTIMA PARTE —

**CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS**

**LUCIO LARA**



uma contribuição à luta

.....

SÓ HÁ UM MEIO PARA NÓS, M.P.L.A., DE CHEGAR À INDEPENDÊNCIA COMPLETA DO NOSSO PAÍS: alargar e generalizar a luta armada.

NO ANO DE 1967, ANO DA GENERALIZAÇÃO DA LUTA ARMADA CONDUZIDA PELO MPLA, CADA ANGOLANO DEVE CONCENTRAR A SUA ATENÇÃO SOBRE DOIS PONTOS:

- politização do povo angolano
- participação efectiva na luta (clandestina ou armada) de todos os angolanos honestos, conscientes e patriotas.

A POLITIZAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO LEVARÃO À GENERALIZAÇÃO DA LUTA, À QUEDA

UMA CONTRIBUIÇÃO À LUTA ..... 1

A RESISTÊNCIA VENCERÁ:

9º cap. - A FISIONOMIA DA GUERRA ..... 7

10º cap. - AS TRÊS FASES DA RESISTÊNCIA .... 15

11º cap. - AS NOSSAS DIFICULDADES E AS  
DIFICULDADES DA FRANÇA ..... 29

12º cap. - O PESO DAS FORÇAS EM PRESENÇA ... 37

13º cap. - O QUE É QUE DE DEVE FAZER?..... 45

14º cap. - ALGUNS PROBLEMAS MILITARES QUE  
TÊM UMA ACTIVIDADE DE FOGO ..... 53

15º cap. - LESENCADRAR O MOVIMENTO DOS  
"PARTISANS" (MILÍCIAS DE  
AUTO-DEFESA E GUERRILHEIROS) .... 71

16º cap. - LIQUIDAR AS TENDÊNCIAS ERRADAS .. 79

17º cap. - MOBILIZAÇÃO GERAL DO POVO ..... 89

CONCLUSÃO ..... 97

anexo: vocabulário ..... 99



uma contribuição à luta

.....

SÓ HÁ UM MEIO PARA NÓS, M.P.L.A., DE CHEGAR À INDEPENDÊNCIA COMPLETA DO NOSSO PAÍS: alargar e generalizar a luta armada.

NO ANO DE 1967, ANO DA GENERALIZAÇÃO DA LUTA ARMADA CONDUZIDA PELO MPLA, CADA ANGOLANO DEVE CONCENTRAR A SUA ATENÇÃO SOBRE DOIS PONTOS:

- politização do povo angolano
- participação efectiva na luta (clandestina ou armada) de todos os angolanos honestos, conscientes e patriotas.

A POLITIZAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO LEVARÃO À GENERALIZAÇÃO DA LUTA, À QUEDA

## DO REGIME COLONIALISTA PORTUGUÊS E À INDEPENDÊNCIA DA NOSSA PÁTRIA.

Estas são as palavras de ordem que o camarada presidente, Agostinho Neto, lançou ao povo angolano e particularmente aos revolucionários.

Em toda a parte, por todos os meios, de dia e de noite, nas aldeias e nas cidades, na mata e nas fazendas, nas minas e nas fábricas, todos os angolanos devem preparar -se para dar o máximo à Luta de Libertação Nacional. Todos os revolucionários devem esclarecer o povo, politizá-lo e fazer engrossar as fileiras dos militantes e guerrilheiros do M.P.L.A.

Esteja onde estiver, sejam quais forem as condições em que se encontra, um revolucionário pode sempre contribuir para o desenvolvimento da Revolução. O seu dever é fazê-lo e o seu dever é trabalhar sempre cada vez mais, participar cada vez mais na luta, incondicionalmente, totalmente.

\* \* \* \* \*

A revolução vietnamita, tão heróica e rica no passado como o é hoje, fornece muitos e valiosos ensinamentos aos revolucionários. A experiência vietnamita tem uma importância enorme para todos os povos em luta.

Hoje o povo vietnamita bate-se contra um milhão de soldados reaccionários dos quais quinhentos mil são americanos; bate-se contra os maiores aviões do mundo e contra os maiores bombardeamentos aéreos (não atómicos) da história da Humanidade.

Em suma, o povo vietnamita bate-se contra a força esmagadora do maior e mais poderoso país imperialista do mundo: os Estados Unidos da América. O povo vietnamita bate-se, obtém vitórias e acabará por ganhar definitivamente. Vencerá os Estados Unidos como já venceu a França. Depois, começará no Sul e continuará no Norte a construir a pátria socialista.

O povo vietnamita conseguiu grandes vitórias e conseguirá a vitória final porque, ao fazer a luta de libertação nacional, todo o povo é mobilizado, politizado e participa totalmente na guerra.

À frente do povo vietnamita está um partido revolucionário que levou o povo a liquidar o domínio colonialista, a fazer face à agressão imperialista, a eliminar a reacção interior, a construir a independência económica e política, a iniciar a construção do socialismo.

A experiência da revolução vietnamita nos planos militar, político, económico e cultural é, de facto, de enorme importância. Em muitos pontos, ela pode inspirar os revolucionários dos países em luta.



\* \* \* \* \*

Dar a conhecer aos militantes angolanos as experiências de outros povos, contribuir para a sua politização e das massas populares angolanas é uma tarefa fundamental da fase actual da Luta de Libertação Nacional. A publicação deste caderno e de outros trabalhos contribuindo para a politização é uma participação na luta ( de acordo com as condições ).

Há meses publicámos a tradução dos oito primeiros capítulos do livro A RESISTÊNCIA VENCERÁ, no caderno revolucionário nº 2. Agora publicamos a tradução da última parte do livro neste caderno revolucionário nº 3.

O livro A RESISTÊNCIA VENCERÁ poderá, em parte, ajudar os revolucionários angolanos a aplicarem as justas palavras de ordem do M.P.L.A. e a melhor interpretarem a justeza da linha política do Movimento de vanguarda do Povo Angolano.

Setembro de 1967

O CEA

A RESISTÊNCIA  
VENCERÁ

#### ESCLARECIMENTO :

A tradução deste caderno é feita com base na segunda edição em língua francesa de LA RESISTANCE VAINCRA - Editions en Langues Etrangères; HANOI 1962.

Nós procurámos que a edição tivesse uma linguagem bastante simples. Por isso, a tradução é muito livre.

Por outro lado, não foram traduzidas certas passagens. Pareceu-nos que essas passagens não têm interesse actualmente para os militantes angolanos porque falam de certas condições históricas já ultrapassadas ou de importância menor, agora, sobretudo no que se refere ao aspecto internacional.

Quando há pedaços de texto que não foram traduzidos, nós assinalamos com pontos a toda a largura da página.



A FISIONOMIA DA GUERRA

Depois de termos visto os aspectos militares, políticos, económicos e culturais da nossa guerra de libertação (a) vamos ver agora o aspecto geral (fisionomia) desta guerra, a partir da situação das forças militares dos dois lados durante estes últimos meses.

## GUERRA EM DENTES DE PENTE

Como é uma guerra nacional, a nossa resistência exige ao mesmo tempo a acção do exército regular e dos nossos "partisans" (guerrilheiros civis). Como as nossas forças regulares atacam de frente e os nossos guerrilheiros civis atacam na rectaguarda, o inimigo encontra-se entre dois fogos.

Muitas vezes, as nossas forças regulares são obrigadas a recuar, para evitar perdas desnecessárias. Os nossos "partisans" e alguns e

---

(a) - Ver caderno revolucionário nº 2 do CEA .

fectivos das nossas forças regulares, divididos em pequenos grupos, introduzem-se então hábilmente na rectaguarda do inimigo, para fazerem a guerrilha.

Outras vezes, forças regulares bastante importantes aproveitam-se da noite para penetrarem muito rapidamente e muito profundamente na zona ocupada pelo inimigo. Depois de terem feito um ataque-surpresa contra as bases que o inimigo julgava estarem em zonas de segurança, as nossas forças retiram-se, conforme o plano previsto, sem se deixarem cercar ou aniquilar. Os nossos ataques contra HA DONG (20 de Março de 1947 e 13 de Abril de 1947), HAIPHONG (22 de Março de 1947) e recentemente contra a Cidade Universitaria de HANOI (20 de Abril de 1947), muito tempo depois da evacuação das nossas tropas destas cidades, foram uma prova bem clara.

Quanto ao inimigo, ele serve-se das suas tropas motorizadas para cravar postos avançados, em profundidade, nas nossas rectaguardas ou para fazer movimentos de cerco muito grandes mesmo dentro da nossa zona. Assim ele tenta aniquilar as nossas forças apanhando-as por trás, tenta destruir as nossas bases, tenta roubar a população e espalhar o pânico.

Também sucede, por vezes, que o inimigo utiliza os seus paraquedistas e os seus comandos. Com eles, o inimigo consegue apoderar-se de cidades ou bases nossas que estão afastadas da frente de luta, bem no interior da nossa rectaguarda. O inimigo faz isso para cortar as nossas vias de comunicação e de abastecimento ou com o fim de abrir uma nova frente nas nossas costas. A invasão de HOA BIN, pelos paraquedistas, a 15 de Abril de 1947, merece a nossa atenção.



Portanto, o inimigo lança ataques em profundidade nas nossas rectaguardas enquanto que, pelo nosso lado, nós também lançamos ataques profundos na zona sob o controle do inimigo.

A guerra apresenta-se, pois, como dois pentes com os dentes metidos uns nos outros.

### GUERRA DE MISTURAS CONFUSAS

Nos deltas, o inimigo não se contenta em nos atacar militarmente. Ele procura ainda sabotar a nossa economia, roubando as colheitas, destruindo as culturas. Assim, ele espera que a população se renderá devido à miséria. Nas estreitas faixas das planícies litorais, que se encontram entre as montanhas e o mar (como BIN-TRI-THIEN e o extremo sul do Centro Vietnam), ele ataca-nos nas duas extremidades e corta a zona operacional em vários bocados para fazer operações de limpeza.

A experiência ensinou-nos que, nestas regiões, as nossas tropas têm de fazer várias coisas para não se desmorerarem devido aos ataques do inimigo. As nossas tropas devem abandonar rapidamente o uniforme, confundir-se com os habitantes, distribuir-lhes armas e organizar o combate por todos os meios com a participação dos habitantes e dos "partisans". As nossas forças devem manter-se a todo o custo nos arrozais e lutar corpo-a-corpo com o inimigo, para se defenderem. O povo e o exército formando um só bloco, devem estar prontos a fazerem uma luta de morte contra o corpo expedicionário, em toda a parte e em todo o momento.



A guerra apresenta-se, assim, como uma mistura confusa, encarniçada.

## GUERRA SEM FRENTE

Como há esta interpenetração em "dentes de pente" e como há estas misturas confusas, a frente de combate não existe ou é mal definida. O aspecto geral dos combates modifica-se constantemente. As nossas tropas e os nossos "partisans" atacam por todos os lados, muitas vezes nas costas do inimigo e até mesmo no centro do seu dispositivo militar. Por vezes, para travar as ofensivas inimigas contra a nossa zona, as nossas forças opõem uma fraca resistência de frente, mas multiplicam os ataques na retaguarda e nos lados, desgastando o adversário e obrigando-o assim à defensiva.

Embora a nossa frente se tenha estendido consideravelmente, as nossas tropas não deixaram por isso de atacar os postos inimigos nas proximidades de HANOI, HAIPHONG, SAIGON e CHOLON. Quando todo o povo tiver pegado em armas e quando nós tivermos desencadeado um vasto movimento de guerrilha, o inimigo não poderá dar mais um passo sem se chocar conosco; verá imediatamente abrir-se uma nova frente diante dele. Ele não conseguirá consolidar as retaguardas, nem durante as suas operações contra as nossas zonas, nem mesmo nas regiões lebaixo do seu controle.

Cada uma das nossas bases, cada um dos nossos ninhos de guerrilha na zona ocupada pelo inimigo têm também a sua frente e a sua retaguarda, durante um certo tempo. A localização destas bases, assim como a sua frente e a

sua rectaguarda, mudam de um momento para o outro.

Nem rectaguardas nem frente de luta bem definida; esta é outra característica da nossa guerra contra os colonialistas franceses.

## GUERRA DE CERCO

A marinha dava ao inimigo o domínio do mar e garantia-lhe o controle das regiões costeiras. Como, além disso, ocupava um certo número de cidades na fronteira, ele conseguia bloquear-nos de facto. Quando houve o alas-trar da guerra, o inimigo quis atacar-nos com as suas unidades estacionadas já no nosso território. As nossas tropas cercaram imediatamente as posições que as tropas inimigas ocupavam e as cidades onde elas se aquartelavam. Durante os dois primeiros meses da batalha de Hanoi, assistiu-se a um cerco recíproco, pouco vulgar: o inimigo cercava-nos no 1<sup>a</sup> bair-ro, enquanto que nós o bloqueávamos nos arre-dores.

O inimigo procura apoderar-se das cidades e das grandes vias de comunicação para nos apanhar numa rede. Mas desde que, rompendo o nosso cerco, as suas tropas saíem das cidades e penetram no mato ou são lançadas em paraquedas na nossa zona, elas são de novo cercadas pelas nossas tropas.

As nossas bases de guerrilha na zona ocupada parecem ser só enclaves (bolsas) rodeados pelo inimigo. Mas, na realidade, o conjunto dessas bases-enclaves formam com as gandes bases (que são as nossas diversas zonas



livres) uma imensa rede que envolve o Corpo Expedicionário francês.

Olhemos, agora, para o tabuleiro mundial:

O inimigo tenta bloquear-nos fazendo apelo às forças imperialistas. (O almirante d'Argenlieu fez um apelo aos ingleses e aos americanos para o ajudarem na guerra contra os "comunistas vietnamitas"). Com as forças mundiais de paz, de democracia e de progresso; com os povos oprimidos da Ásia (em primeiro lugar com os povos khmer e laociano); com o povo francês e os povos das colônias francesas em luta pela sua libertação; nós envolve-nos, pelo nosso lado, os colonialistas franceses agressores. O inimigo encontra-se acossado de todos os lados: no nosso solo, em França, nos países da União francesa e no mundo. Como se vê, ele encontra-se no meio de um conjunto de cercos concêntricos. Nesta batalha de envolvimentos, a aprovação e o apoio dos povos da Indochina e do mundo decidirão da vitória final.

## GUERRA DE TERRA QUEIMADA

Tudo o que o inimigo pode utilizar contra nós, tudo o que nós não podemos guardar connosco, nós queimamos, nós destruimos: este é o princípio da resistência pela "terra queimada". Esta táctica não é uma invenção vietnamita, mas, à escala em que a emprega-nos, admira muita gente. Muitos estrangeiros consideram como uma loucura da nossa parte ter-se arrasado voluntariamente tantas cidades e povoações e ter incendiado não só os



quartéis e os depósitos do inimigo, mas também as nossas casas, pelas nossas próprias mãos.

Não, o povo vietnamita não é maluco. Se ele empregou esta tática da terra queimada a tal ponto que se encontram poucos exemplos na história, é porque ele tem as suas razões:

- a) Como no conjunto, o povo vietnamita tem me nos armamento e equipamento que o inimigo, é-lhe necessário destruir as pontes e as estradas para travar ou retardar o avanço das tropas motorizadas inimigas.
- b) A inquebrantável vontade de vencer do povo vietnamita torna-o capaz dos maiores sacrifícios para travar a marcha do inimigo e de vencer com maior certeza. Ele sabe perfeitamente que a sabotagem é tão importante como o combate e é uma das táticas de um povo que luta com um armamento primitivo contra um agressor melhor equipado e mais aguerrido.

A tática da terra queimada apresenta qutras vantagens ainda. Ela desespera o inimigo: ele contava ocupar uma cidade e ao chegar só encontra cinzas e ruínas. Esta tática é a expressão da nossa indomável vontade de resistência para a defesa da nossa liberdade.

Quanto mais os agressores franceses e os traidores ao seu serviço gritam contra a tática da terra queimada, mais eles mostram que esta tática lhes toca no seu ponto fraco, impedindo-os de fazer razias no povo. Se se acreditar na sua propaganda, o nosso Alto-Comando teria adoptado a tática da terra queimada para "realizar o comunismo nivelando ricos e pobres". Que mentira tão grosseira! O

nosso povo sabe perfeitamente que, no dia em que não houver mais a sombra de um só ultra-colonialista sobre o nosso solo, as nossas riquezas em matérias-primas, o espírito criador dos nossos trabalhadores, o sentido de organização e a direcção clara do governo democrático farão surgir pouco a pouco palácios e cidades modernas no céu de um Vietnam independente. Por outro lado, nas regiões que ficaram sob o seu controle, os colonialistas franceses roubam indistintamente a população. Não serão eles precisamente que "nivelam ricos e pobres"?

A nossa tática de terra queimada foi -nos ditada pelas condições do nosso combate pela relação das forças em presença, pela comparação do armamento dessas forças e pelo moral dos dois adversários. Ainda outra característica da nossa guerra de resistência é a aplicação desta tática a fundo e numa grande escala.

Em resumo, a guerra que fazemos é uma guerra das mais devastadoras e das mais encarniçadas. Nós respondemos à crueldade do inimigo com a nossa audácia. Os dois adversários disputam a vitória num corpo-a-corpo sem piedade. Esta guerra contra os colonialistas franceses tem aspectos pouco vulgares, na verdade.

AS TRÊS FASES DA RESISTÊNCIA PROLONGADA

---

No 5ª capítulo nós explicávamos o motivo que nos leva a fazer uma guerra de longa duração e a razão pela qual ela nos pode garantir a vitória (a).

Na nossa resistência há 3 fases:

- 1 - A defensiva.
- 2 - O equilíbrio de forças (forças iguais).
- 3 - A contra-ofensiva geral.

Não vamos falar com pormenores do desenrolar da resistência. As nossas previsões limitam-se forçosamente às grandes linhas.

---

(a) - Ver caderno revolucionário nº 2 do CEA.



## 1 - FASE DA DEFENSIVA

Nos primeiros tempos a estratégia do inimigo é a ofensiva e a nossa estratégia é a defensiva. Isto sucede enquanto a relação das forças está nitidamente em favor do inimigo.

Na verdade, o adversário ocupava certas vilas e cidades e diversas estradas da região litoral e alguns canais do delta. Nós opusimos uma grande resistência nas cidades onde retivemos o inimigo bloqueado durante algum tempo. Depois fomos obrigados a recuar para conservar as nossas forças; assim criámos condições particularmente favoráveis para atrair muito longe o inimigo, até à nossa rectaguarda e o atacarmos, então.

Isto não quer dizer, no entanto, que nós só recuávamos deixando o inimigo à vontade para ele poder alargar a sua zona de segurança em volta das cidades provisoriamente ocupadas e poder consolidar as suas vias de comunicação e de abastecimento.

Estratégicamente falando, nós estamos na defensiva, mas o nosso princípio táctico e operacional continua a ser a ofensiva. No plano geral, nós continuamos a recuar para as posições previstas. No aspecto local, nós atacamos sempre destacamentos e postos mesmo na zona ocupada (ataque surpresa sobre o aeródromo de Gia Lam a 16 de Janeiro de 1947, com bases de Ha Dong e de Haiphong em Março e Abril de 1947, etc...).

Durante esta fase, NO PLANO MILITAR, O INIMIGO PROCURA controlar as grandes cidades e as principais estradas das regiões costei-

ras, da zona fronteira e do delta; procura dividir o nosso país em várias partes; procura cortar as nossas comunicações e abastecimentos, para destruir as nossas forças regulares, destruir as nossas bases, as nossas fábricas e os nossos armazéns.

NO PLANO POLÍTICO O INIMIGO PROCURA, com uma propaganda mentirosa, atirar para nós a responsabilidade do rompimento dos acordos e do começo da guerra. Isto para justificar a sua agressão diante da opinião pública francesa e mundial. Ao mesmo tempo, ele tenta parar o Viet-Minh do povo Vietnamita, tenta fazer vir os refugiados para as regiões de baixo do seu controle, tenta instalar uma administração fantoche nas cidades e arredores ocupadas provisoriamente.

Para atingir estes objectivos militares e políticos, o inimigo põe em acção o seu exército e a sua aviação, bem como tropas motorizadas, recorre à guerra de movimento, lança ataques de surpresa, procura apanhar-nos pelas costas ou em tenaz, lança paraquedistas ou desembarca de surpresa (batalhas de Haiphong, Haïduong em Dezembro de 1946, Thua Thien, Quang Tri em Fevereiro de 1947, de Ha Dong em Março de 1947, etc...). Ao mesmo tempo, por meio de dinheiro, o inimigo assegura os serviços dos traidores e dos antigos piratas, procura intrujar os católicos, os Hao Hao, os Cao-daístas e comprar os nossos compatriotas das minorias étnicas.

O nosso exército é pequeno, mal armado e pouco treinado. Mas o nosso exército é forte devido ao seu moral a toda a prova e devido ao apoio sem reserva da população. E, como além disso, ele soube usar uma táctica mal leável, ele é capaz de conservar as suas for



gas e infligir duras derrotas ao inimigo. O nosso exército faz perder o prestígio ao inigo e faz-lhe sofrer as primeiras derrotas. Ao mesmo tempo, nós levamos todo o povo à resistência, nós unimos as nossas fileiras e tra-balhamos para reforçar a união nacional e pa-ra desmascarar o inimigo. Nós procuramos ga-nhar a simpatia do povo francês a aprovação e o apoio dos povos do mundo, fazendo-lhes co-nhecer a nossa vontade de paz e as circuns-tâncias que nos levaram a fazer a guerra pa-ra nos defendermos.

Nesta fase, NÓS COMBATEMOS DA SEGUINTE MANEIRA: ao princípio, guerra de posições no combate de ruas, para nos defendermos, casa por casa, rua por rua, bairro por bairro, (batalhas de Hanoi, Nam Dinh, Hué). Em seguida, depois da evacuação das cidades, guerra de posições para bloquear o inimigo nas povo-ações durante um certo tempo (batalha de Ha-noi, etc...). Ao mesmo tempo, fazemos actividades de desgaste nas cidades pela infiltra-ção de pequenos grupos de guerrilheiros. A guerrilha completa e apoia a guerra de posi-ções.

À medida que o inimigo se afasta das grandes cidades e ocupa outras localidades e vias de comunicação, a guerra de posição pas-sa ao segundo plano para dar lugar à guerrilha e à guerra de movimento. A partir deste momento, a guerra de posições passa a ter um papel de complemento e de apoio. Ela conti-nua a ser sempre necessária para fazer parar o inimigo. Se tivermos a tendência em exage-rar o emprego da guerra de posições, expomo-nos a perdas severas porque o inimigo pode apanhar-nos por trás ou cercar-nos.



Nesta fase defensiva, a guerra de movimento tem, de uma maneira geral, um papel mais importante que a guerrilha. Mas, pouco a pouco, a guerrilha passa para primeiro plano à medida que se estende a zona controlada pelo inimigo e se desenvolve o nosso movimento de guerrilhas civis.

## 2 - FASE DO EQUILÍBRIO DE FORÇAS

Quando as forças dos dois lados se equilibram pouco a pouco, o inimigo passa à defensiva e nós preparamo-nos para a ofensiva.

Duma maneira geral, o adversário já não pode avançar mais; a um dado momento, ele até é obrigado a recuar para as suas posições antigas.

Do nosso lado, nós já não precisamos de recuar mais, mas ainda não podemos reconquistar as regiões perdidas (embora nos sejam possível recuperar tal ou tal posição).

As duas partes parecem observar-se. Mas isto não significa que elas passam o tempo a expiarem-se como a cegonha e a ostra da fábula (+).

---

(+) - O autor faz alusão a uma fábula vietnamita que apresenta uma certa semelhança com "a ostra e os argumentistas" de La Fontaine. Uma cegonha que queria comer uma ostra deixou apanhar o bico entre as suas conchas do molusco. Os dois animais ficaram a observar-se até ao momento que apareceu um pescador e apanhou um e outro. (Nota da T.F.).

No plano local nós continuamos a lançar ataques na zona ocupada pelo inimigo. Muitos ataques pequenos equivalem a uma grande operação. Pelo seu lado, o inimigo não nos dá repouso e não fica na defensiva. Não deixa de rusgar as regiões debaixo do seu controle e cria postos avançados na nossa zona livre.

NO PLANO MILITAR, nesta fase, O INIMIGO PROCURA consolidar as suas posições e as suas vias de comunicação. Ele emprega efectivos bastante importantes em operações repressivas: "limpezas" a fim de "restabelecer a ordem" nas regiões debaixo do seu controle. Ele esforça-se para cercar e destruir as nossas bases de guerrilha encravadas nas zonas ocupadas. O inimigo tenta cercar ou então dividir as nossas zonas livres para as enfraquecer. Introduce espiões para colher informações sobre os nossos acampamentos, os nossos serviços públicos, os nossos armazéns, as nossas oficinas, as nossas escolas, etc... para depois fazer bombardeamentos aéreos ou enviar sabotadores.

NO PLANO POLÍTICO, ele tenta por todos os meios formar um governo fantoche central e um governo para cada "Ky" (+) desenvolvendo a administração fantoche local, as organizações reacçãoárias nas cidades, ou conselhos dos notáveis. Isto tudo para dividir a

---

(+) - Ky - Termo antigo para designar cada uma das três partes do Vietnam: Norte, Centro e Sul. (Nota da T.F.).



população desviá-la da luta e levá-la a submeter-se ao inimigo. Ele espera que esta administração e as "forças armadas" de que ela dispõe vão permitir-lhe liquidar o nosso movimento de libertação nacional e pilhar os nossos compatriotas. Ele espera gozar tranquilamente as suas rapinas, cavalgando sobre os fantoches como sobre um animal.

Quanto a nós, NOS PLANOS MILITAR E POLÍTICO, NÓS PROCURAMOS desgastar o inimigo, infligindo-lhe perdas locais, nós procuramos fazer sabotagens e ataques para paralisar as suas realizações económicas e procuramos impedi-lo de massacrar a população impunemente. Nós levantamos o povo contra o poder fantoche, contra as "limpezas", nós organizamos a acção do povo contra os piratas, os espões e os traidores.

Por uma larga propaganda armada, nós trabalhamos para fortalecer o moral do povo principalmente na zona provisoriamente ocupada. Nós ocupamo-nos a evitar o cansaço, o desencorajamento, a tendência ao compromisso e o enfraquecimento que se poderá manifestar nas fileiras da resistência.

Nos procuramos igualmente aumentar as nossas forças. Para isso formamos novos quadros, aumentamos a nossa produção de armas, organizamos novas unidades regulares, novas formações de guerrilheiros civis, desenvolvemos e consolidamos as organizações revolucionárias. Assim criamos as condições de passagem à contra-ofensiva geral.

A NOSSA TÁCTICA, DURANTE ESTA FASE, é de empregar ao máximo a guerrilha para castigar o inimigo, dia e noite, para o obrigar



a dispersar as suas forças, a cansá-lo, a desgastá-lo.

Uma parte das tropas regulares deve ser separada definitivamente das unidades para ser encarregada de organizar, lado a lado, com o povo, as milícias populares e fazer a guerrilha.

Dum lado nós concentramos as nossas forças regulares em posições-chave que controlam os movimentos do adversário, permitem-nos lançar um ataque e também cobrir uma retirada em pontos chave donde nos é possível, na e tapa actual, atacar os postos isolados, cercar o inimigo e destruir uma parte das suas forças.

Por outro lado, nós lançamos ataques sobre as localidades onde as guarnições inimigas são relativamente fracas.

As tropas regulares e os guerrilheiros civis "partisans" coordenam constantemente a sua acção.

Assim, duma maneira geral e à escala nacional, a guerrilha é a tática mais corrente na fase de equilíbrio de forças; a guerra de movimento vem em seguida depois de um período em que a guerrilha e a guerra de movimento têm uma importância igual. A guerra de posições tem um papel só auxiliar: apoiar a guerrilha e a guerra de movimento. Para o fim desta fase, uma parte das formações dos guerrilheiros passa para a guerra de movimento, vindo reforçá-la.

Esta segunda fase é relativamente longa e também muito dura e muito encarniçada. No entanto é a fase chave. É precisamente ela

que nos permite passar da inferioridade à superioridade que nos faz avançar para a ofensiva geral.

### 3 - FASE DA CONTRA-OFENSIVA GERAL

No aspecto estratégico, quando a relação entre as forças se modificar a nosso favor, nós vamos passar à contra-ofensiva geral; o inimigo fica obrigado à defensiva e vai passar a recuar.

DUAS CONDIÇÕES DECIDEM a contra-ofensiva geral. Em primeiro lugar, o crescimento das forças do nosso exército e do nosso povo; em segundo lugar, o enfraquecimento do inimigo e a extrema desmoralização das suas tropas.

No entanto, na prática, isto poderia acontecer de maneira diferente se o inimigo, se encontrasse bruscamente bloqueado, na sua acção por uma quebra do moral provocada pela evolução dos acontecimentos na Indochina, em França, nas colónias francesas e no mundo. Nessa altura poderíamos passar à contra-ofensiva geral mesmo que tivéssemos uma certa inferioridade material.

Tal seria o caso se o prolongamento da guerra acabasse por fatigar e desencorajar o corpo expedicionário, atacado pela saudade do país e do lar; se a França encontrasse dificuldades de reabastecimento que impusessem privações às suas tropas e levassem o seu povo a exigir o fim das hostilidades devido ao esgotamento económico e financeiro do país; se o



movimento contra a guerra e os ultras subis-se com impetuosidade como uma vaga do mar; se os levantamentos dos povos das colónias francesas ganhassem força ou se a violência das reacções da opinião internacional provocassem o isolamento da França no plano diplomático; se o movimento mundial da paz e a democracia conseguissem novos e importantes sucessos... Tais factos teriam uma profunda repercursão na nossa guerra de libertação e criariam condições eminentemente favoráveis à contra-ofensiva geral.

Do nosso lado, embora o nosso potencial continue a ser comparativamente fraco, o nosso moral e a nossa combatividade reforçam-se sem parar, a união do povo e do seu exército cimenta-se cada vez mais e a frente nacional alarga-se e consolida-se.

Com estas condições objectivas e subjectivas estamos à altura de garantir o sucesso da contra-ofensiva geral.

DURANTE ESTA FASE, O INIMIGO evacua um grande número de posições para se abrigar nas grandes cidades. Pode acontecer que, sob a capa de negociações hipócritas, ele procure ganhar tempo por processos de diversão à espera duma ajuda mais directa e mais activa da reacção internacional.

Quanto a nós, só temos um fim: levantar todo o país para passar à ofensiva em todas as frentes, bater o inimigo totalmente e realizar a independência e a unidade do Vietnam.

DO PONTO DE VISTA TÁCTICO, PARA NÓS, es



que nos permite passar da inferioridade à superioridade que nos faz avançar para a ofensiva geral.

### 3 - FASE DA CONTRA-OFENSIVA GERAL

No aspecto estratégico, quando a relação entre as forças se modificar a nosso favor, nós vamos passar à contra-ofensiva geral; o inimigo fica obrigado à defensiva e vai passar a recuar.

DUAS CONDIÇÕES DECIDEM a contra-ofensiva geral. Em primeiro lugar, o crescimento das forças do nosso exército e do nosso povo; em segundo lugar, o enfraquecimento do inimigo e a extrema desmoralização das suas tropas.

No entanto, na prática, isto poderia acontecer de maneira diferente se o inimigo, se encontrasse bruscamente bloqueado, na sua acção por uma quebra do moral provocada pela evolução dos acontecimentos na Indochina, em França, nas colónias francesas e no mundo. Nessa altura poderíamos passar à contra-ofensiva geral mesmo que tivéssemos uma certa inferioridade material.

Tal seria o caso se o prolongamento da guerra acabasse por fatigar e desencorajar o corpo expedicionário, atacado pela saudade do país e do lar; se a França encontrasse dificuldades de reabastecimento que impusessem privações às suas tropas e levassem o seu povo a exigir o fim das hostilidades devido ao esgotamento económico e financeiro do país; se o

movimento contra a guerra e os ultras subis se com impetuosidade como uma vaga do mar; se os levantamentos dos povos das colónias francesas ganhassem força ou se a violência das reacções da opinião internacional provocassem o isolamento da França no plano diplomático; se o movimento mundial da paz e a democracia conseguissem novos e importantes sucessos... Tais factos teriam uma profunda repercursão na nossa guerra de libertação e criariam condições eminentemente favoráveis à contra-ofensiva geral.

Do nosso lado, embora o nosso potencial continue a ser comparativamente fraco, o nosso moral e a nossa combatividade reforçam-se sem parar, a união do povo e do seu exército cimenta-se cada vez mais e a frente nacional alarga-se e consolida-se.

Com estas condições objectivas e subjectivas estamos à altura de garantir o sucesso da contra-ofensiva geral.

DURANTE ESTA FASE, O INIMIGO evacua um grande número de posições para se abrigar nas grandes cidades. Pode acontecer que, sob a capa de negociações hipócritas, ele procure ganhar tempo por processos de diversão e espera dum ajuda mais directa e mais activa da reacção internacional.

Quanto a nós, só temos um fim: levantar todo o país para passar à ofensiva em todas as frentes, bater o inimigo totalmente e realizar a independência e a unidade do Vietnam.

DO PONTO DE VISTA TÁCTICO, PARA NÓS, es



ta fase é caracterizada ao princípio pela primazia da guerra de movimento, apoiada e completada pela guerrilha. Mas a guerrilha depressa se estende e se transforma em guerra de movimento. (Muitos destacamentos de guerrilheiros civis agrupam-se formando verdadeiras unidades regulares e passam à guerra de movimento).

Depois, a guerra de movimento transforma-se por sua vez em guerra de posição (os combates para a tomada de cidades e a conquista de postos sucedem-se constantemente).

Finalmente, depois de várias campanhas, a guerra de movimento transforma-se em guerra de posições e é esta (a guerra de posições) que domina nas batalhas decisivas do final da guerra de libertação nacional.

As nossas forças agrupam-se rapidamente mantêm constantemente a iniciativa lançando uma série de ataques-surpresa contra as cidades e as posições do inimigo para o cercar e o liquidar.

Em resumo: nós lançamos na batalha as forças de todo o nosso país e de todo o nosso povo para esmagar o inimigo e recuperar todo o nosso território. O aparelho de repressão provisoriamente montado pelo inimigo no nosso solo desfaz-se debaixo dos golpes do nosso exército e do nosso povo. Ao cair, esse aparelho esmagará os traidores do governo fantoche. Esta terceira fase, que é relativamente mais curta, é a mais gloriosa e a mais heróica.



Resumindo, a nossa resistência de longa duração passará pelas fases seguintes:

- 1) Primeira fase: estratégia defensiva; táctica ofensiva.
- 2) Segunda fase: estratégia de equilíbrio de forças (preparação para a contra ofensiva); táctica ofensiva.
- 3) Terceira fase: estratégia e táctica da contra-ofensiva.

Estas são as três fases da resistência de longa duração.

Em qual fase nos encontramos agora?

No plano nacional, nós estamos na primeira fase. Mas no Nam Bô, onde a resistência começou mais cedo, nós vamos entrar em breve na segunda fase. Para falar verdade, não há uma separação nítida entre uma e outra das três fases. Cada uma está já a nascer na fase que a antecede e, por outro lado, cria as condições para fazer aparecer a fase que lhe vai seguir.

Quais as modificações que poderão aparecer no desenrolar desta guerra em três fases?

Se há alguma modificação, o que é possível, ela será sobre a duração maior ou menor de cada fase, mas não sobre a sua ordem de aparecimento (do lugar de umas em relação às outras).

Os acontecimentos vão desenrolar-se como previmos, se os colonialistas franceses teimam continuar esta guerra de reconquista, devido a sua cegueira e arrogância.

Mesmo, se a um dado momento, os colonialistas solicitarem a intervenção da reacção mundial, as três fases continuarão a ser as mesmas, duma maneira geral.

Mas, se nós resistirmos enérgicamente, se os movimentos de insurreição e de libertação nacional se intensificarem, criando muitas dificuldades à França nas suas colónias, se a oposição à guerra crescer no corpo expedicionário e as dificuldades económicas e financeiras da França forem cada vez maiores; se isto suceder, é possível que, devido à pressão destes acontecimentos, os partidos democráticos da França intervenham, em condições determinadas, para a abertura de negociações connosco, a fim de salvar a situação. Novas conversações poderão marcar então a marcha da nossa resistência de longa duração, e é aqui precisamente que está uma das suas características (+). Mas enquanto os colonialistas franceses continuarem ainda no nosso território e enquanto nós não tivermos acabado a terceira fase da guerra, nós não teremos ganho a independência e a unidade verdadeiras.

---

(+) - Recorde-se que, desde o começo da resistência (Setembro de 1945), até esta data, já houve negociações por duas vezes. (Nota da T.F.)



AS NOSSAS DIFICULDADESE AS DIFICULDADES DA FRANÇA

A nossa resistência de longa duração será muito dura, mas ela vencerá. Esta é a nossa opinião e a de todos os nossos compatriotas.

Evitemos o optimismo exagerado que leva a crer que tudo vai correr às mil maravilhas. Evitemos também não dar a verdadeira importância ao inimigo (subestimá-lo) e de nos julgarmos muito fortes (sobreestimarmos-nos); isso pode levar-nos a um deixar andar, ao descuido, à falta de preparação e ao mínimo esforço, ou à vaidade pelo mínimo sucesso.

Tenhamos bem a certeza que esta resistência será uma luta das mais duras, das mais encarniçadas; será uma longa e dura prova. Vamos precisar de muita coragem, de paciência e de esforços tremendos para aguentar. Temos de cerrar os dentes, temos de nos exceder em perfeição para conseguirmos ultrapassar todos os obstáculos e alcançar a vi-



tória final.

Quantas dificuldades temos diante de nós!

Teremos de abandonar uma parte do nosso território e deixar encurtar o nosso campo de acção, teremos de perder tantas cidades em pleno desenvolvimento, tantas vias de comunicação e talvez mesmo uma parte das terras férteis dos deltas. Quantos lares dispersos, quantas famílias refugiadas, privadas dos seus meios de subsistência em consequência destes acontecimentos!

Milhares de jovens, dos melhores, morrem na flor da idade! Centenas de quadros capazes e experientes são sacrificados! Se a guerra se prolongar ela acumulará montanhas de cadáveres e fará correr rios de sangue. Em vários sítios, nós vamos ter perdas severas em homens e em armas, veremos os nossos armazéns pilhados, os nossos campos em fogo e em sangue, devido aos ataques violentos e de surpresa do inimigo.

Nas regiões ocupadas, haverá o terror, a violação, a pilhagem, o incêndio, a devastação, a violência dos traidores e piratas, noite e dia.

O bloqueio económico ameaça o reabastecimento de certas regiões se nós não conseguirmos aumentar a produção e organizar os transportes!

As manobras políticas para nos dividir serão imensas! Se nós não fizermos o máximo possível para reforçar a união nacional e persuadir as pessoas, os desentendimentos vão surgir entre os católicos e não católi-

cos, vão dar-se atritos entre as minorias nacionais e o grupo étnico de maioria; até poderá haver conflitos fratricidas.

Também é possível que as forças da re-ação internacional intervenham e façam provisoriamente tombar a balança em favor dos colonialistas franceses.

Tudo isto, sem contar com as desgraças da natureza: inundações e epidemias que a-companham geralmente as guerras.

Este é o fardo que cabe habitualmente a todos os países em guerra. Será preciso destruir todos os obstáculos até ao último, custe o que custar.

Mas o mínimo obstáculo faz perder a coragem aos pessimistas. Eles esquecem que o Vietnam é um país agrícola com riquezas abundantes e facilmente exploráveis, que o nosso povo, trabalhador e económico, vivendo na maioria da agricultura, não fica ame-çado de fome só por perder as cidades (como nós já o mostrámos a propósito da economia da resistência).

Na realidade, o nosso povo é bastante pequeno e o nosso território pouco extenso. Mas a França está a mais de dez mil quilómetros de distância de nós. Ela não pode concentrar contra nós todas as suas tropas por que tem de as repartir por toda a União francesa (as colónias africanas) para assegurar a defesa das suas possessões.

Pelo terror, o inimigo poderá espalhar o pânico nalgumas pessoas, mas ele avivará o ódio na grande maioria. As suas promessas mentirosas representam um perigo inegável,



mas a sua avidez e as suas atrocidades desmascaram-no rapidamente aos olhos do povo. Oitenta anos de escravidão e cinco anos de servidão debaixo do duplo jugo franco-japonês ensinaram-nos a unirmo-nos e a lutar até ao fim contra os nossos inimigos mortais. O nosso povo não recuará diante de qualquer sacrifício para defender as conquistas da República Democrática que lhe trouxe a liberdade e algumas vantagens económicas e culturais durante estes dois últimos anos.

Numa certa medida, o nosso povo remediará a falta de armas graças ao seu dinamismo e à sua aplicação na guerrilha.

Durante quase um século, os colonialistas liquidaram sistematicamente os melhores filhos do nosso povo. Mas o "bambú que morre renasce nos seus jovens rebentos" e, de geração em geração, o nosso povo continuou a sua luta pela independência, sem parar. Os homens de valor continuaram a passar o fa-cho. E esta resistência sublime forjará toda uma geração de heróis. Se um sucumbe às balas, centenas de outros o substituirão.

Os medrosos são geralmente cegos ou só vêem um lado das coisas. Eles só sabem ver as nossas dificuldades e nunca vêem as nossas possibilidades de as ultrapassar. Eles só sabem ver as nossas fraquezas e nunca vêem as fraquezas do inimigo.

Afinal o que vemos nós do lado do adversário?



Actualmente, a França choça-se com quatro grandes dificuldades:

1 - A segunda guerra mundial esgotou-a economicamente e financeiramente. Como não tem carvão, é obrigada a fazer andar as suas máquinas devagar. Não tem dinheiro para comprar as 600.000 toneladas de trigo de que tem necessidade todos os anos. O seu orçamento de 1947 acusou um déficit de 285 biliões de francos, nas despesas ordinárias e extraordinárias. Antes mesmo de se poder levantar das suas ruínas, ela gasta todos os dias centenas de milhões de francos na guerra suja do Vietnam. O reabastecimento do corpo expedicionário recente-se profundamente.

2 - A situação política em França deteriora-se. Os gaullistas agitam-se para formar um partido e esperam deitar abaixo a república, apoiados pela reacção estrangeira. O movimento de luta contra a guerra suja começou. Em Março e Maio últimos, no decorrer dos debates da Assembleia Nacional sobre o Vietnam e a União Francesa, o partido comunista francês pronunciou-se sem equívoco contra o restabelecimento pela força do regime colonial na Indochina e contra o orçamento de guerra. A um apelo da C.G.T., no dia 25 de Março de 1947, milhões de pessoas manifestaram sob a palavra de ordem "Paz imediata no Vietnam". Este movimento anti-belicista vai tomar ainda uma maior amplitude.

3 - Começaram as desordens nas colónias francesas de África. No dia 29 de Março de 1947, Madagascar levantou-se e a insurreicção alastra dia a dia. Em 8 de Abril de 1947 começaram as desordens entre argelinos e franceses na Kabília. Na noite de 7 de Abril de 1947, em Casablanca (Marrocos), as lutas entre a população árabe e as tropas senegalesas do exército francês fizeram centenas de mortos e feridos. Na África Ocidental francesa, houve greve de ferroviários em 17 de Abril de 1947 e na segunda quinzena do mesmo mês houve manifestações diante do palácio do governador, etc. O Movimento de libertação nacional alastra nos diversos territórios da União francesa.

4 - os países do sudoeste asiático desaprovam a reconquista do Vietnam. Os povos indiano, birmanês, malaio, indonésio, exprimiram-nos a sua simpatia. A Federação Mundial da Juventude Democrática, reunida na Índia, durante o mês de Abril de 1947, adoptou uma resolução de apoio ao Vietnam e estabeleceu um programa de acção para exigir da França o fim das hostilidades. A opinião mundial esclarecida condena os colonialistas franceses agressores e acabará por os isolar pouco a pouco na arena internacional.

Estas dificuldades estão apenas no começo. Um dia vão tornar-se insuportáveis para a França, se ela demorar a fazer a paz connosco. Porquê?

Porque o prolongamento das hostilidades agravará as suas perdas em homens e em material e aumentará as dificuldades do seu povo; esse prolongamento ajudará a reforçar o movimento anti-belicista em França e o movimento revolucionário nas colónias, acentuará a desaprovação da política colonial da França pelo mundo democrático.

O presidente do conselho francês, Ramadier, reconheceu isso quando declarou em 27 de Abril de 1947: " A França parece uma pessoa que está a afogar-se, mas que tem ainda a cabeça de fora".

Esta observação aplica-se à França tanto no plano económico e financeiro como no plano político.

Ramadier declarou ainda: "Se nós não reagirmos, sucumbiremos" (+)

---

(+) - Assim, Ramadier queria apelar para a ajuda americana e preparar a opinião francesa para aceitar esta ajuda que representa a dependência em relação aos Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, mostrava como era crítica a situação da França.



A nosso ver, a França só tem um meio para evitar tal "naufrágio": Negociar com o Vietnam e reconhecer a soberania nacional do nosso povo e doutros povos da União francesa, não se lançar nos braços dos magnates da finança americana, não se vender aos ianques.

Nós estamos à altura de ultrapassar as dificuldades com as quais nos chocamos. Para isso é-nos preciso fazer prova de tenacidade, de solidariedade, de tacto, de espírito metódico; é-nos preciso combater de cididamente e produzir muito.

No decorrer da resistência, todas estas dificuldades irão diminuindo devido aos nossos próprios esforços. Como são dificul dades que encontramos no nosso próprio país, nós podemos concentrar as nossas forças para as vencer. Além disso, nós benefi ciamos do auxílio dos nossos aliados: o po vo da França, os povos das colónias france sas, as forças mundiais da paz, da democra ciá e do socialismo, dirigidas pela União Soviética, e este é um outro factor que nos permite recuperar a nossa desvantagem.

Quanto à França, ela choca-se com dificuldades no seu próprio território, no Vietnam, nos países da União francesa e no mundo. É-lhe impossível agrupar as suas forças para vencer estas dificuldades tão dispersas como complicadas; ainda é menos capaz porque foi consideravelmente enfraquecida pela segunda guerra mundial. Para conservar a sua posição de grande potência independente e democrática, ela tem de negociar a paz connosco e reconhecer a inde pendência e a unidade do Vietnam porque es te é o único meio que ela tem para conse guir reduzir e ultrapassar as dificuldades



actuais. Este é mais um factor que nos garantirá a vitória sobre a França.

O PESO DAS FORÇAS EM PRESENÇA

Nesta guerra, como em todas as guerras, vai vencer o mais forte. A força deve ser compreendida, aqui, tanto no sentido, material como moral. Ela traduz-se pelas vantagens e fraquezas de cada uma das partes. A vitória caberá finalmente à parte que tiver mais vantagens que fraquezas.

É pouco provável que uma parte muito forte em pontos secundários mas fraca em pontos principais consiga vencer a parte adversária, fraca em muitos pontos secundários mas superior em alguns pontos principais. A parte cujas vantagens aumentem durante a guerra ficará capaz de vencer a parte que vê as suas vantagens diminuir e multiplicarem-se as suas dificuldades.

Para sabermos quem vencerá, se a França ou nós, basta comparar objectivamente as vantagens e as fraquezas das duas partes.

As nossas vantagens são as seguintes:

- a) Nós fazemos uma guerra justa (contra a agressão, pela liberdade).
- b) Nos realizámos a unidade nacional (na Frente nacional unida contra os colonialistas franceses agressores).
- c) O nosso povo e o seu exército têm um moral a toda a prova ( cada um rivaliza em heroísmo para a salvação do país).
- d) O nosso exército combate no seu próprio território e pela defesa dos direitos do seu próprio povo; daí resultam três vantagens para ele: hábito do clima (thiên thoi :clima favorável(+)); conhecimento do terreno (dia loi: terreno favorável(+)); apoio da população (nhân hoa: harmonia com o povo(+)).
- e) Os nossos aliados são numerosos ( o povo francês, os povos das colónias francesas, as forças mundiais da paz, da democracia e do socialismo).

Vejamos agora os nossos pontos fracos:

- a) O nosso armamento é fraco e de má qualidade.
- b) As nossas tropas são pouco numerosas e mal treinadas.

---

(+) - Trate-se dos três princípios clássicos do grande estratega chinês SUN TSU (N.D.T.F.).



- c) O nosso sentido de organização não corresponde às exigências da guerra (sobretudo nos domínios militar e económico).
- d) Temos muito que fazer no campo da propaganda internacional.

Os pontos fracos do inimigo são os seguintes:

- a) Ele faz uma guerra reaccionária (com fine de agressão, opressão e exploração, o que faz levantar o ódio contra ele).
- b) Tem pouca coesão nas suas fileiras (oposição entre extremistas e partidários da negociação, entre ultras e progressistas).
- c) O moral das suas tropas é fraco (várias vezes vimos que os soldados do Corpo Expedicionário franceses têm medo da morte; houve soldados do exército fantoche, legionários e atiradores coloniais que desertaram para passar para as nossas fileiras).
- d) Como resultado da sua agressão contra um país dis-tante, o inimigo vê-se prejudicado em três aspectos: não está habituado ao clima, conhece mal o terreno, (+), não tem o apoio da população.
- e) Ele tem mais inimigos do que amigos. (A ajuda financeira e militar que lhe podem fornecer os americanos e ingleses não chega para satisfazer as ne-cessidades da França que tem de gastar quantias e normes para se restabelecer da guerra mundial, fa-zer frente à situação na Indochina e nas colónias de África, procurando ao mesmo tempo travar o movimento contra a guerra na própria Metrópole).

---

(+) - Embora ocupem o nosso país há mais de 80 anos, os colonialistas franceses não podem conhecê-lo tão bem como o nosso povo.

- f) O seu esgotamento económico e financeiro (as hostilidades no Vietnam e as operações repressivas em Madagascar, nas quais a França se meteu mesmo antes de se recompor da segunda guerra, vão arruinar a sua economia e as suas finanças (A)).
- g) Os efectivos do seu exército, que são limitados, devem ser dispersos por toda a União Francesa.

Vejamos agora as vantagens da França:

- a) A qualidade e a quantidade dos armamentos.
- b) Tropas numerosas e bem treinadas.
- c) Sentido elevado de organização.
- d) Uma propaganda bem organizada à escala internacional.

Desta comparação das vantagens e fraquezas das duas partes, salientam-se os cinco pontos seguintes:

Primeiro: Os pontos que são para nós vantagens são precisamente desvantagens para a França; os pontos que são desvantagens para nós, são vantagens para a França.

Segundo: A França tem mais pontos fracos que o Vietnam.

---

(A) - As previsões do autor não se realizaram neste ponto porque a França recebeu uma ajuda económica enorme dos Estados Unidos, o que lhe permitiu levantar a sua economia, a troco da implantação dos capitais americanos em França. Só a vitória militar do povo vietnamita é que obrigou a França a abandonar a Indochina. (Nota do CEA).

Terceiro: Os pontos fracos da França são mais numerosos que as suas vantagens.

Quarto : As vantagens do Vietnam são sobretudo políticas, enquanto que as da França são, geralmente, militares.

Quinto : As vantagens do Vietnam incidem sobre pontos principais, as da França sobre pontos secundários. Com efeito, não serve para nada ter um armamento moderno, um enquadramento qualificado e soldados aguerridos, uma forte organização e uma propaganda internacional bem orquestrada se se faz uma guerra de rapina, se se tem mais inimigos do que amigos, se se está roído por divisões internas, se não se é apoiado pelo povo, se as forças forças vivas se vão gastando.

.....

E preciso notar que, à medida que a guerra prolongada se desenrola, graças aos esforços conjugados de todo o nosso povo, as nossas vantagens vão aumentar e os nossos pontos fracos vão diminuir. O inimigo, pelo contrário, vai perder pouco a pouco a sua superioridade e verá aumentar a sua desvantagem.

Eis alguns exemplos significativos: o prolongamento das hostilidades que tempera os nossos quadros e os nossos combatentes só agrava as dificuldades económicas e financeiras do inimigo. Quanto mais combatermos mais vamos beneficiar da simpatia e do apoio do povo francês e dos povos desejosos de paz, mais os povos coloniais aproveitarão os envios de reforços franceses para a Indochina para se levantarem contra a França. Os nossos aliados serão mais numerosos. Para o inimigo, pelo contrário, o prolongamento da guerra significa o desencorajamento, a lassidão e a desmoralização das tropas.



Por outras palavras: a guerra reforça-nos e, ao mesmo tempo, desgasta o adversário. Se, actualmente, o nosso potencial (armamento, tropas, economia, etc) é inferior ao do inimigo, por outro lado nós temos re cursos morais inesgotáveis (coragem, coesão do povo e do exército, apoio da opinião mundial...). Daqui para diante, com o prolongamento das hostilidades, vã crescer as nossas forças morais e, além delas, o nos so potencial material também vai crescer.

Nos tentamos prolongar a guerra precisamente por que queremos pôr em marcha e desenvolver todas as nossas forças materiais e morais para fazer actuar a fundo as nossas vantagens, ao mesmo tempo que reduzimos os nossos pontos fracos; tudo isto para mo dificar a relação de forças e obter a vitória final.

Em resumo, esta comparação de forças em presença permite-nos afirmar desde já que venceremos. A guerra que fazemos é uma guerra do povo, uma guerra progressista. E é porque esta guerra é progressista que nós vamos buscar nesta fonte inesgotável, que é o povo, os nossos re cursos no plano material e moral.

Os fracassos passageiros não podem desencorajar-nos, assim como os pequenos sucessos locais não podem fazer-nos perder a cabeça. Nós sabemos perfeitamente que a vitória da revolução se ganha à custa duma boa organização e duma preparação minuciosa. Sempre foi assim e em toda a parte. As dificuldades, as lacunas e os erros dos franceses (que nós saberemos explorar a fundo), assim como a ajuda dos nossos aliados, contribuirão em parte para o sucesso da nossa resistência, mas, no essencial, somos nós que temos de decidir, através da nossa

estreita solidariedade, através da nossa luta enérgica, através da nossa vontade de satisfazer às nossas próprias necessidades para aumentar o nosso potencial.

O nosso princípio directivo nesta guerra é este: fazer uma resistência de longa duração, apoiarmo-nos principalmente sobre as nossas próprias forças.

Há três factores importantes para a nossa vitória:

- 1) A unidade nacional para se fazer uma longa resistência;
- 2) A acção cada vez mais poderosa do povo francês para acabar com a guerra porca e até mesmo para expulsar a reacção do poder;
- 3) O desenvolvimento da revolução nas colónias francesas, a acção cada vez mais enérgica das forças mundiais da paz e da democracia contra os colonialistas franceses agressores.

Estes três factores não estão ainda maduros. Nós teremos que aceitar novos sacrifícios e lutar ainda mais enérgica - mente. O tempo criará para nós condições cada vez mais favoráveis.



Em Paris, os reaccionários preparam neste momento uma campanha muito perigosa para tentar vencer as dificuldades actuais da França e remediar às suas fraquezas.

Eles lançam-se no anti-sovietismo e no anti-comunismo; eles sapam a república, oprimem o povo francês sob o fardo das verbas de guerra e empurram a França para os braços da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, com a esperança de levantarem a economia francesa e continuarem a guerra colonial. Esse é o caminho do suicídio para a França. Ela tornar-se-ia assim um satélite das potências estrangeiras e acabaria por não poder conservar a União francesa. O povo francês e os partidos fiéis à república não vão cruzar os braços. Eles vão reagir. A sua acção juntar-se-á então à nossa resistência e à luta dos povos da União francesa; então, os colonialistas franceses, presos num verdadeiro movimento de tenazes, estarão destinados à derrota.



O QUE É QUE SE DEVE FAZER ?

Acabámos de examinar as vantagens e os pontos fracos de cada uma das partes. Mas uma simples descrição não chega para resolver de uma vez a questão de saber quem vencerá esta guerra.

As vantagens essenciais que temos sobre o inimigo não devem encher-nos duma satisfação exagerada. Porque o optimis mo parvo torna as pessoas míopes; ele cega, traz a passividade e abafa todo o desejo de fazer melhor.

Nas guerras do passado, aconteceu que países mais favorecidos que os adversários fossem derrotados num conflito e, pelo contrário, que países muito desfavorecidos obtivessem a vitória. Porquê? Porque os países favorecidos desconheciam o esforço, subestimavam o inimigo e não tinham chefes capazes, enquanto que os menos favorecidos faziam todos os esforços evitavam sobreestimar ou subestimar o inimigo, e eram bem dirigidos.

Quando o autor de "Kim Van Kieu" (+) escrevia que "a vontade do <sup>homem</sup> vence o Céu" ele queria dizer com isso que o valor próprio de uma pessoa e a sua vontade activa têm uma acção determinante sobre as coisas (ou acontecimentos). Esta acção da pessoa sobre as coisas exerce-se naturalmente na medida em que essas coisas se prestam a isso.

Enquanto o nosso povo lutar com entusiasmo e enquanto os nossos chefes o dirigirem habilmente, não é nada de espantar que consigamos aproveitar o concurso das circunstâncias e do ambiente para mudar a relação de forças a nosso favor.

Aliás, a própria guerra não é um grande movimento? Desde as dificuldades que ela traz aos beligerantes até aos defeitos e às qualidades de cada um deles, nada se mantém estático, parado. Tudo muda com o desenrolar das hostilidades. E esta evolução constante vai ajudar a parte que se mostrar hábil na condução da guerra e fazer todos os esforços indispensáveis; e vai prejudicar a outra que fôr imprudente, que mostrar passividade e incapacidade flagrante.

Além disso, ponhamos ainda esta questão: Porque é que estamos constantemente na defensiva e recuamos, quando, afinal, temos mais vantagens do que o inimigo? Porque é que, duma maneira geral, não tivemos a iniciativa das operações? A nosso

---

(+) - Poema de Nguyen Du (1765 - 1820), obra prima da literatura vietnamita. (Nota da T.F.)



ver é porque o inimigo, ao contrário de nós e, apesar das suas desvantagens morais, dispõe de um equipamento superior ao nosso.

Ora, a guerra é a oposição de duas forças tanto no plano material como moral. As condições materiais são um factor indispensavel à vitória - mesmo no caso de um successo passageiro - e isto é verdade para toda a acção militar, na guerra como na insurreição armada.

Para travar o inimigo, para o vencermos, portanto, nós devemos a todo o custo eliminar a nossa desvantagem material e desenvolver sempre a nossa força no plano moral, reduzindo, por outro lado, a superioridade material do inimigo e agravando-lhe as dificuldades no plano moral.

Toda a questão é esta.

\*\*\*\*\*

Como estamos muito menos bem armados que o adversário, nos devemos, por um lado, proteger as nossas oficinas de armamento, defender as nossas armas e fabricar novas armas, ao mesmo tempo que combatemos por outro lado, devemos sabotar o armamento do inimigo ou apanhar-lhe as armas.

É lamentável que, em muitos combates que foram bastante mortais para o inimigo, só tivéssemos apanhado poucas armas, porque não tínhamos potência de fogo suficiente, nem experiência táctica. Por outro lado, embora as nossas perdas fossem fracas, cada homem que perdemos foi perdido com a sua arma, na maior parte dos casos.



Acima de tudo, devemos fabricar armas rudimentares enquanto fazemos a guerra. Evitemos dar demasiada importância ao material moderno e subestimar o material que se pode arranjar. Sem este material rudimentar, não poderíamos equipar os "partisans" e os guerrilheiros, não poderíamos armar o povo, nas condições técnicas actuais do nosso país.

Evitemos também a tendência contrária que só dá importância às armas rudimentares e não cuida do fabrico das armas mais ou menos modernas. Sem armamento moderno não é possível travar o avanço das tropas motorizadas do inimigo nem é possível contra-atacar.

Por outro lado, devemos sabotar o inimigo, dificultar-lhe os movimentos, desgastá-lo com a guerrilha para neutralizar a eficácia do seu material moderno. Devemos atacar de surpresa; incendiar e destruir os seus depósitos de armas e munições; devemos atrair a sua atenção sobre objectivos falsos para o levar a gastar munições.

As nossas tropas estão menos bem treinadas que as do inimigo. Por isso, nós devemos tirar a tempo a experiência das nossas manobras, analisar a táctica do inimigo, aprofundar os nossos conhecimentos estratégicos e tácticos, dar uma grande importância ao treino dos quadros, das tropas regulares, dos "partisans" e dos guerrilheiros, durante os próprios combates.

Ao mesmo tempo, nós devemos enganar o inimigo pela manhã, reduzi-lo à passividade, obter informações sobre a sua actividade e impedi-lo de recolher informações sobre as nossas actividades. Devemos descobrir as suas verdadeiras intenções para o esmagar com golpes audaciosos, onde o apanharmos a descoberto. Devemos saber fugir ao contacto quando o combate nos é desfavorável, para, assim, conservar as nossas forças e aguentar muito tempo, a fim de passarmos da defensiva à iniciativa das operações.

Actualmente, na maior parte das vezes, as nossas

tropas só se lançam nos combates, sem procurarem aprofundar as questões tácticas. Muitos chefes militares estão ultrapassados e fecham-se na rotina; eles só vêem os combates que travam sem grande espírito de estudo e de análise, ou então eles registam mecânicamente as experiências sem saberem adaptá-las; outras vezes fecham-se nos velhos hábitos da guerra de posições ou da estratégia ou táctica do exército colonial de antes de 1945. É tempo de abandonarmos todos estes maus hábitos.

Somos ainda fracos na organização da guerra e, por isso, urgentemente e por todos os meios, nós devemos melhorar o nosso método de comando para que haja unidade, rapidez e precisão.

Os serviços técnicos devem passar a ser mais ligeiros e tornar-se militarizados.

As ordens devem ser correctas e chegar até à base; a execução das ordens deve ser estritamente controlada.

É preciso assegurar as ligações e as transmissões com rapidez, e mantê-las sólidamente mesmo no interior das regiões provisoriamente ocupadas pelo inimigo.

Os nossos serviços de informação devem trabalhar com perspicácia e exactidão.

O reabastecimento sera assegurado a tempo, regularmente e em quantidade suficiente.

Vamos organizar os "partisans" e os guerrilheiros numa grande escala para fazer deles uma importante reserva que permita reforçar as tropas regulares, em qualquer momento. Assim evitaremos o esgotamento das unidades e completaremos os seus efectivos em tempo oportuno.

Ao mesmo tempo, tentaremos confundir o mais possível a organização do inimigo, utilizando a sabotagem e a manha.



Uma linha política justa, uma estratégia e uma tática maleáveis e hábeis são indispensáveis à resistência, mas a organização não é menos importante. A organização assegura a execução correcta da linha política e a aplicação da estratégia e da tática.

Evitemos actuar como diletantes; agir debaixo dos impulsos, actuar sem princípios, sem ordem, sem plano e sem controle. Evitemos também de cair na tendência contrária: perdermo-nos nos detalhes sem vermos o conjunto ou arranjarmos uma organização que não garanta a aplicação da linha política.

A nossa propaganda no plano internacional é fraca. Saibamos, portanto, fazer conhecer a nossa justa causa e desmascarar o inimigo diante da opinião pública mundial.

Nós opomos o direito à barbaria e a rectidão à perfídia; estamos certos de ganhar a simpatia do povo francês, das pessoas honestas de todos os países, das nações oprimidas, em particular as da Ásia e das colónias francesas. Poderíamos até propor à União Soviética que leve a questão do Vietnam à organização das Nações Unidas, reclamando negociações de paz entre a França e nós. Na nossa propaganda, devemos explorar a fundo as contradições que opõem a França a outros países. Para isso, é preciso recolher provas das atrocidades francesas contra os nossos compatriotas, contra os estrangeiros e os fiéis de todas as religiões, reunir documentos sobre o tratamento humano que reservamos aos prisioneiros de guerra franceses e a nossa atitude correcta em relação aos missionários estrangeiros.

Para evitar a negligência e o trabalho à toa, a propaganda exterior deve ser confiada a um serviço especializado e a homens competentes. É preciso, além disso, enviar ao estrangeiro delegações culturais ou parlamentares, para tocar a opinião mundial.

Evitemos bem as duas tendências opostas que con



sistem: uma em subestimar o trabalho de propaganda no estrangeiro e negligenciá-lo; a outra em considerá-lo como um "remédio para tudo", quer dizer, apoiar-se exclusivamente nos outros, quando afinal nós devemos contar antes de tudo com os nossos próprios esforços.

Estas são as tarefas que se impõem para conseguirmos igualar o inimigo.

O melhor meio para explorar a fundo as nossas vantagens e agravar as fraquezas do inimigo é responder a estes imperativos fundamentais: unidade nacional, mobilização total do país, resistência prolongada, propaganda junto do inimigo e uma política externa eficaz.

Mas se, com esforços incessantes, somos capazes de atirar todas as desvantagens para cima do adversário, ele também pode fazer o mesmo. O inimigo é mais perverso e manhoso do que pensamos.

Durante a resistência, pode ser que nos choquemos com dificuldades imprevistas causadas pelo adversário ou pelos nossos erros, ou ainda por outros factores independentes tanto da nossa vontade como da vontade do inimigo.

Alguns exemplos : calamidades naturais; fome; intervenção duma terceira potência que, pronta a expulsá-los mais tarde, ajudaria os colonialistas franceses na sua guerra de agressão; morte de alguns quadros e homens de valor do nossolado, o que não deixaria de ter uma influência sobre a direcção da resistência; bai-

xas severas resultantes dum erro grave do nosso comando.

Estas eventualidades são muito possíveis. A organização dirigente (+) deve prevêê-las para lhes fazer face a tempo. E se o inevitável se produzir, tem de se reagir com sangue frio. Seremos invencíveis enquanto fizermos um só corpo com o povo.

---

(+) - A organização dirigente de que se fala aqui é o Partido Comunista Indochinês (o actual Partido dos Trabalhadores do Vietnam). Como este tinha proclamado uma dissolução voluntária, embora continuas se normalmente as suas actividades, o autor não podia, em 1947, nomeá-lo claramente. (Nota da T.F.).

ALGUNS PROBLEMAS MILITARES

---

QUE TÊM UMA ACTUALIDADE DE FOGO

---

A nossa resistência nacional continua, desde há mais de dez meses. De dia para dia as hostilidades ganham maior amplitude e intensidade. É necessário dar uma resposta a certos problemas militares de uma actualidade tremenda:

1 - ACÇÃO POLÍTICA E ACÇÃO MILITAR

Estes são dois aspectos estreitamente ligados um ao outro. Como sublinhou Marx "a guerra é a continuação da política".

Os colonialistas franceses entravam a acção política da nossa República Democrática. É preciso destruímos a sua oposição através duma acção militar para podermos estar à altura de continuar os nossos ob-



jectivos em condições mais favoráveis.

A acção militar é só um meio para realizar a política. "A guerra é o instrumento da política. Ela é a sua continuação por outros meios" (Clausewitz).

Todo o successo militar depende, pois, duma política justa e decide, por seu lado, a realização duma política justa.

A guerra atinge o seu fim com a vitória militar. Então, ela pára e a política retoma o seu curso por outros meios menos violentos. Esta é a relação entre a acção militar e a acção política.

OS PARTIDÁRIOS DA POLÍTICA PURA desconhem muitas vezes o papel da violência na história e não vêem a necessidade imperiosa, em certos momentos, de agir militarmente contra o inimigo do interior ou o agressor do exterior. Em política interior eles propõem sistematicamente o compromisso e, em política externa, propõem a capitulação e as concessões a qualquer preço.

OS PARTIDÁRIOS SÓ DA ACÇÃO MILITAR caem, a maior parte das vezes, no militarismo e pensam que tudo deve ser resolvido pela força armada; eles não sabem mobilizar politicamente e recusam-se a explicar e a convencer. Acabam mesmo por recorrer às ameaças e à força contra a população. Noutros casos, só combatem e não dão importância ao trabalho político; não tentam estabelecer relações fraternais entre os quadros e a tropa; não tentam estabelecer uma atmosfera de entre-ajuda do exército com a população; não fazem nenhuma propaganda para abater o moral do inimigo.

Além disso, eles só se preocupam com a acção mi

litar, sem pensarem em consolidar a frente nacional unida, nem em ganharem novos aliados no estrangeiro, nem em adaptarem a nossa política interior e externa à evolução da situação internacional.

## 2 - A ESTRATÉGIA E A TÁCTICA

Em poucas palavras, a estratégia é a linha que permite atingir a vitória em toda uma guerra; a tática é a maneira de combater em cada batalha. A tática faz parte integrante da estratégia.

A estratégia justa é que decide, antes de tudo, a vitória.

Os erros táticos não podem comprometer uma guerra que é conduzida segundo uma estratégia justa. Pelo contrário, uma boa tática não servirá finalmente para nada se a estratégia é errada (os conflitos soviético-alemão e chinês-japonês são testemunho disso).

No entanto, a acumulação de erros táticos pode, mesmo no quadro de uma estratégia justa, provocar uma derrota estratégica.

Acontece também que um grave erro tático pode ter consequências desastrosas no plano estratégico. Com efeito, mesmo com uma estratégia justa, como se pode obter a vitória se a incapacidade de comando leva o exército a derrota em derrota?



Também pode acontecer que o desgaste e a desmoralização provocados por uma grande derrota afectem perigosamente a linha estratégica (foi o caso para a Alemanha em Verdun e Stalinegrado, nas duas guerras mundiais).

Mais um ponto importante: é a estratégia que determina a tática.

Como a nossa estratégia é de prolongar a guerra, nós devemos, no plano táctico, saber recuar quando o combate nos é desfavorável, para conservar as nossas forças.

### 3 - A DEFENSIVA E A OFENSIVA

Estratégicamente falando, nós estamos actualmente na etapa defensiva. Mas seria um erro recuar sistemáticamente recusando o combate com o pretexto de respeitar esta linha estratégica e conservar as nossas forças. A evacuação de Thaï Binh, em 11 de Abril de 1947, é uma prova da desorientação do comando regional; ela causou despeito nas tropas humilhadas por recuarem sem combater, e desempareou a população que acabou por duvidar e perder mesmo a confiança no seu exército.

Algumas vezes, por razões políticas, vale mais aceitar perdas mais ou menos importantes travando o combate do que evitar a todo o custo a luta para conservar as nossas forças intactas.



Outras vezes, é preciso defender a todo o custo um ponto estratégico chave com um efectivo muito inferior ao do inimigo a fim de dar tempo a que o grosso das nossas tropas chegue para liquidar completamente o adversário.

Não devemos esquecer que, nesta etapa, embora a nossa estratégia seja a defensiva, a nossa táctica é sempre a ofensiva. Quer dizer: nós ficamos na defensiva à escala nacional, mas tomamos a ofensiva em cada combate para esmagar o inimigo. A nossa estratégia é de prolongar a guerra, mas a nossa táctica é lançar ataques relâmpagos para obter um resultado rápido em cada combate. Por outras palavras, nós conduzimos uma, "guerra defensiva de longa duração dentro das nossas linhas" e "operações ofensivas com resultados rápidos fora das nossas linhas (+).

Duma maneira geral, os nossos quadros compreendem isto. Mas há ainda pessoas que não compreenderam e têm, por isso, a tendência a evitar o combate e a recuar sistematicamente.

Por outro lado, nós pensamos demasiado em organizar uma defesa estática como na guerra de posição; por isso nós não estamos habituados a fazer uma defesa móvel nem atacar para defender.

---

(+) - Mac-Tsé-Tung : " A respeito da guerra prolongada"

Assim, nós somos levados muitas vezes a estabelecer linhas fixas, a abrir trincheiras, a levantar barricadas e a agarrarmo-nos a isso no plano tático, o que é um disparate. Também não somos capazes de combinar a acção de guerrilha com as manobras das tropas para atacar o inimigo, cercá-lo, cortar as suas linhas de abastecimento, apanhá-lo dos lados ou por trás e obrigá-lo assim a recuar.

Nós também não somos capazes de fazer uma diversão, lançando as nossas forças contra um ponto nevralgico do adversário para o obrigar a enviar para aí as suas forças; assim ele retira uma parte dos efectivos lançados contra nós em outros lugares, o que faz reforçar imediatamente a nossa defesa nesses lugares.

Quando atacámos Haiphong no dia 21 de Março de 1947, obrigámos o inimigo, para defender esta cidade, a retirar efectivos das suas guarnições de Hongay e de Quang Yen onde nós consolidámos assim o nosso dispositivo; a batalha de Loc Binh, em fins de Março de 1947, forçou o inimigo a retirar tropas de Ah Chau para proteger a estrada de Langson-Tien Yen e reforçou a nossa posição em Lua Nam. Estes são exemplos de defesa activa, da defensiva por meio do ataque.

#### 4 - DESGASTE E LIQUIDAÇÃO

Fazer a guerra é procurar destruir as forças do inimigo, ao mesmo tempo que conservamos e aumentamos as nossas forças para conseguirmos a vitória final.

Para fazer isto, é preciso aplicar a dupla táctica de desgaste e de liquidação. O desgaste é para gastar e diminuir as forças do inimigo; a liquidação é para matar ou capturar o adversário.



No momento, o inimigo é superior a nós; por isso desgastamo-lo prolongando a guerra. Fazendo assim, nós chegaremos um dia a cumprir o nosso plano estratégico de contra-ofensiva geral para liquidar o adversário e obter a vitória final.

Mas será preciso esperar até esta última fase para esmagar o inimigo? Claro que não.

Desde as duas primeiras fases (fase da defensiva e fase do equilíbrio das forças) nós devemos logo fazer combates locais de liquidação para infligir ao inimigo as mais pesadas perdas possíveis e recuperar as suas armas e munições para equipar as nossas próprias tropas. Este é o meio mais eficaz de avançar para a contra-ofensiva geral para o esmagamento do inimigo.

Até agora, nos fizemos muitas vezes combates de desgaste que foram mais mortais para o inimigo do que para nós. Daqui em diante nos devemos travar mais combates de liquidação que combates de desgaste. O que é a guerra de movimento senão o esmagamento do inimigo?

Quanto à guerrilha ela tanto é uma forma de combate de desgaste como o é de liquidação (+).

---

(+) - A característica da guerra de movimento é a liquidação. A da guerra de posição é o desgaste. A da guerrilha é a liquidação e o desgaste. (Nota da T.F.)



As nossas tropas regulares recorrem muitas vezes à guerra de manobra para infligir perdas parciais ao inimigo. Pelo seu lado, os "partisans" e guerrilheiros devem lançar ataques-surpresa e montar emboscadas para esmagar o inimigo numa acção fulminante, ao mesmo tempo que o cansam.

## 5 - COMO ATACAR?

O ataque é a única maneira eficaz de esmagar o inimigo. Um combate sem ataque não é um combate. No entanto, a maior parte das nossas tropas regulares, dos nossos destacamentos de "partisans" não sabem ainda muito bem como devem fazer.

A maior parte das vezes, as nossas forças espalham os seus efectivos para tactearem simultâneamente toda uma série de postos inimigos e elas chamam a isso "passar ao ataque". Chegam a uma posição inimiga sem terem informações e sem terem plano de ataque e gritam logo "ao assalto!"; isto a duzentos metros do posto; assim elas dão tempo ao inimigo para se prepararem a recebê-las. E têm a coragem de chamar a isso "um ataque"! Não!

Na nossa opinião, para atacar uma cidade ou um posto inimigo, é preciso:

- a) Informarmo-nos cuidadosamente sobre o posto: número de soldados, o seu armamento, o moral da guarnição, os hábitos do comandante, etc... para estabelecer um plano minucioso e fazermos secretamente preparativos cuidadosos (Sem, no entanto, nos entregarmos a um trabalho formal cuja lentidão e inércia deixem escapar a ocasião).
- b) Fazer a concentração de forças, obter a superioridade numérica para liquidar o inimigo num só combate. A concentração dos efectivos é uma lei essencial do ataque. (Empregar tropas regulares numéricamente superiores ao inimigo, atacar de surpresa o objectivo desejado, nunca pôr metade ou mais dos efectivos para organizar a defesa ou reter o inimigo em pontos secundários. Na defensiva, evidentemente, as tropas regulares devem constituir uma força de reserva que passa à acção no momento oportuno. Pelo contrário, no momento do ataque, as tropas regulares, transformadas em elemento de choque, não devem ser utilizadas como reserva. Só assim é que se pode liquidar rapidamente o inimigo.
- c) No ataque: agir prontamente, com dinamismo, e adaptar-se rapidamente às situações novas. Quando é dada a ordem de ataque, deve-se passar à acção com coragem, audácia e uma rapidez extrema; dispersar-se para avançar, reagrupar-se para atacar, cercar o inimigo, conquistá-lo e tomar as suas posições de assalto.
- d) Definir bem a direcção do golpe principal. Concentrar aí as tropas para arrancar a vitória, num ataque de surpresa; bater o inimigo nas posições-chave para paralisar totalmente o seu dispositivo de defesa. Podemos ainda dividir os nossos efectivos para fazer uma manobra de diversão.

- e) Lançar um ataque fulminante, de surpresa, que apanhe o inimigo desprevenido; aproveitar os momentos em que ele relaxa a sua defesa: nas horas das refeições e da sesta, quando chove, ou de noite, para desencadear uma acção decisiva.
- f) Quando conquistamos uma posição, devemos mantê-la se possível para conservar as forças para novos combates. Devemos evitar entricheirarmos no lugar porque o inimigo fará uma concentração de forças mais poderosas para contra-atacar, tomar o terreno e liquidar as nossas tropas. Mas, antes da retirada, devemos explorar ao máximo o sucesso para limpar inteiramente o campo de batalha e liquidar totalmente as forças inimigas.
- g) Explorar a fundo cada um dos nossos sucessos para levantar o prestígio das nossas tropas, reforçar o moral do nosso exército e da população; tirar as informações necessárias com vistas a outros ataques.

Em resumo, atacar é toda uma arte. Mas Para o conseguir, é preciso conhecermos bem a nós próprios e conhecermos o adversário; é preciso ter em conta os acasos que se podem produzir no tempo e no lugar; é preciso concentrar com rapidez as forças suficientes e conduzir a operação com o máximo de dinamismo, de rapidez e de maleabilidade.



## 6 - COMO É QUE SE TOMA A INICIATIVA ?

Actualmente o inimigo é mais forte do que nós e, duma maneira geral, é ele que toma a iniciativa das operações, enquanto que nós estamos reduzidos à defesa.

Mas, mesmo na defensiva, devemos tomar a iniciativa dos combates. A iniciativa é o princípio fundamental da táctica em geral, e particularmente da guerrilha e da guerra de movimento.

Há várias maneiras de conseguir a iniciativa:

- a) Enganar o inimigo por todos os meios: desta maneira podemos sempre conservar a iniciativa, embora sendo nós mais fracos. Mesmo tendo efectivos e armamento inferiores, nós podemos atrair o adversário a uma armadilha para o liquidar; nós podemos fazer uma diversão à esquerda para bater de surpresa à direita o adversário que, apanhado de surpresa, é incapaz de evitar os nossos golpes.
- b) Visar os pontos descobertos mais vulneráveis do inimigo para os atacar, de maneira a impedi-lo de organizar a defesa. Atacá-lo no momento em que ele menos o espera; apanhá-lo numa emboscada quando ele se desloca; surpreendê-lo quando ele chega ao fim de uma marcha esgotante.
- c) Levar o povo à guerrilha para obrigar o inimigo a espalhar as suas forças, para o esgo

tar e permitir às nossas unidades regulares atacar-nos de repente e esmagá-lo bocado a bocado.

Organizar a população a uma grande escala para fazer um muro de silêncio em volta do inimigo, cortando-lhe as informações, e esconder as nossas tropas. Assim, o adversário pode ser facilmente surpreendido porque ignora tudo sobre as nossas actividades.

- d) Utilizar uma mobilidade prodigiosa, para nos localizarmos muito rapidamente na retaguarda do inimigo, atacá-lo nos pontos nevralgicos a fim de tentar fazer uma manobra de diversão e trocar-lhe os planos. É melhor atacar o inimigo pelos lados ou por trás do que atacá-lo pela frente.
- e) Estar bem informado sobre o inimigo para concentrar rapidamente as nossas forças regulares e fazer chegar depressa as nossas reservas aos pontos desejados para podermos agir a tempo. (Presentemente, os nossos serviços de informação são fracos; também as nossas deslocações e as nossas manobras de reagrupamento fazem-se com demasiada lentidão; muitas vezes acontece que não podemos ou não sabemos fazer entrar em acção as nossas forças de reserva).
- f) Centralizar a direcção das operações nas mãos do comando superior, deixando aos comandos regionais a liberdade e a responsabilidade de se adaptarem às flutuações da situação na frente de combate; eles devem ter a iniciativa das operações para não deixarem escapar as ocasiões favoráveis e ficarem condenados à passividade. (Muitas vezes, em condições muito favoráveis, os comandos regionais recusam-se a passar ao ataque e ficam de braços cruzados só porque não receberam ordem para o ataque. Isto é um erro muito perigoso!).

Estes são os princípios gerais que permitem as segurar-nos a iniciativa das operações.

Em resumo, por um lado, nunca devemos entrar em combate em condições desfavoráveis, nunca atacar sem uma preparação madura, não aceitar o combate debaixo da pressão do inimigo, quando as condições não se prestarem.

Por outro lado, dar prova de iniciativa, não perder as boas ocasiões, utilizar ao máximo a guerrilha e a guerra de movimento, bater o inimigo nos seus pontos vulneráveis, atacá-lo no momento em que ele menos o espera, atraí-lo hábilmente às nossas armadilhas (+).

---

(+) - Para manter a iniciativa das operações face a um adversário superior, as forças de guerrilha devem aplicar as 4 regras do camarada Mao-Tsé-Tung :

- 1 - Se o inimigo avança, nós recuamos;
- 2 - ele acampa, nós fatigamo-lo;
- 3 - ele está esgotado, nós atacamo-lo;
- 4 - ele foge, nós perseguimo-lo.

Poderia também acrescentar-se:

Se ele se reagrupa, nós dispersamo-nos e atraímo-lo em profundidade, etc. (Nota da T.F.)



## AS BASES DE RESISTÊNCIA

Uma base é uma região duma segurança relativa que nos permite instruir as tropas regulares, formar quadros, fabricar armamentos e munições, curar os feridos, etc.

Há várias espécies de bases: as regiões montanhosas cobertas de florestas, as do delta e as das regiões pantanosas.

As condições que permitem o estabelecimento de uma base são as seguintes:

- a) Uma população dinâmica, enquadrada por largas organizações e pronta a dar um apoio total ao nosso exército;
- b) Um corpo de tropas regulares pronto a todos os sacrifícios para impedir o avanço do inimigo, conservar a base, defender os órgãos de direcção e a população;
- c) Um terreno de acesso difícil, favorável à defesa.

Destas três condições, as duas primeiras são as mais importantes, sem dúvida. Com tropas corajosas e largas massas conscientes, numa região sem montanhas, nem florestas, nós teremos florestas e montanhas de homens para nos protegerem.

Há pessoas que dizem que o nosso território é muito pequeno para podermos es-

tabelecer nele bases de resistência. Isto é um erro grave resultante da sobreestimação do inimigo!

É certo que o nosso território é pequeno, mas não é tão pequeno ao ponto de tornar impossível o estabelecimento de bases. Além disso, o adversário com os poucos efectivos que tem e trazidos de longe não pode vencer e liquidar totalmente o nosso exército, nem ocupar o nosso país de tal maneira que não fique para nós nenhum bocado de terreno.

Outras pessoas pensam que uma base deve ser uma região absolutamente segura onde podemos construir coisas grandes e sólidas. Também se enganam. Isso é sobreestimar as nossas próprias forças.

Nenhuma base de resistência pode ficar totalmente ao abrigo de qualquer ataque! Portanto, não é recomendável lançar-nos na construção de obras pretensiosas e de empecilhos, difíceis de evacuar em caso de necessidade. Aliás, não temos possibilidades de fazer essas obras.

É preciso prever o dia da partida no próprio momento em que instalamos a base; ao planearmos a sua defesa, devemos prever logo a evacuação. Não confundamos no entanto, base de resistência com acampamentos. Essas "bases de um dia" de que muitas vezes falam os camaradas de Quang Tri são apenas acampamentos provisórios, nada mais que isso.

Quando resolvemos estabelecer uma base numa região, devemos convocar uma conferência dos quadros responsáveis das or-

ganizações militares, administrativas e populares, para discutir a sua instalação e a sua defesa.

Devemos fixar a nossa atenção sobre os seguintes pontos, vistos em conjunto:

- 1 - No que diz respeito ao trabalho junto das massas: desenvolver e consolidar as organizações populares prevendo ao mesmo tempo a formação de grupos clandestinos; formar os quadros regionais para o enquadramento e a direcção.
- 2 - No plano militar: multiplicar os grupos de "partisans" e armar toda a população; dar uma formação militar a todos os rapazes e raparigas; instalar as tropas regulares e juntar o armamento necessário para travar o inimigo no seu avanço e liquidá-lo quando ele avançar profundamente na região; camuflar os objectivos para o caso dos ataques da aviação.
- 3 - No plano social: estabelecer um plano de aumento da produção; organizar o reabastecimento; melhorar o nível de vida da população.
- 4 - No plano da segurança: liquidar os traidores; limitar e controlar as deslocações, controlar e não deixar sair as notícias e informações.

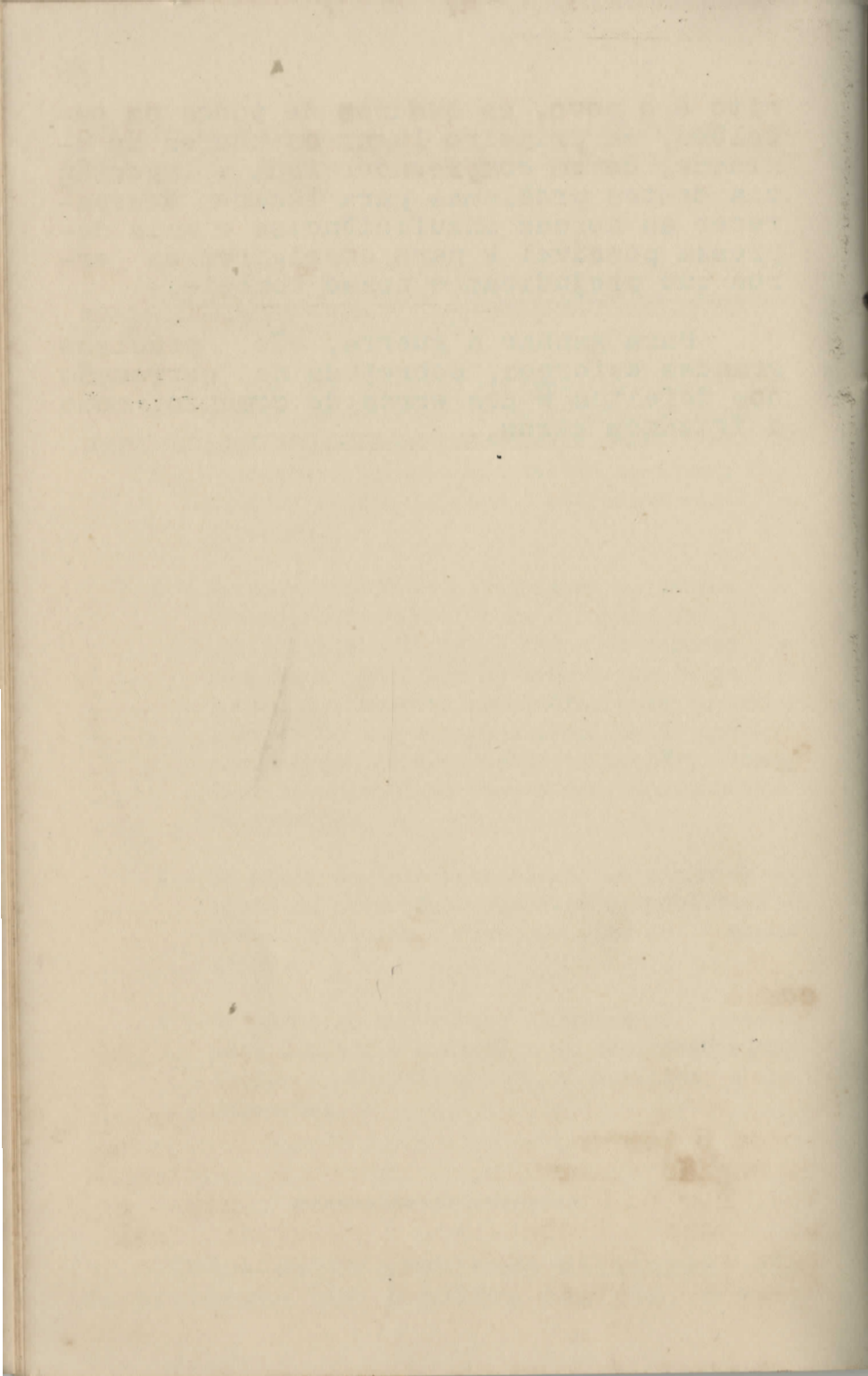
\*\*\*\*\*

Todos estes problemas militares são os problemas que a guerra nos põe. O exér



cito e o povo, os quadros de todos os escalões, em primeiro lugar os chefes de unidade, devem compreender toda a importância destes problemas para fazerem desaparecer as nossas insuficiências o mais depressa possível e para corrigirem os erros que prejudicam o nosso combate.

Para ganhar a guerra, são precisos grandes esforços, sobretudo na correcção dos defeitos e dos erros de comando, como o frizámos atrás.



## DESENCADear O MOVIMENTO DOS "PARTISANS"

(MILÍCIAS DE AUTO-DEFESA E GUERRILHEIROS)

A nossa guerra é uma guerra popular, como o dissémos atrás. Por isso, ela deve ser feita pelo povo. Quer dizer: o exército regular não deve ser o único a combater; todos os patriotas, homens ou mulheres, militares ou não, devem pegar em armas.

O exército defende o povo que lhe deu origem e é o povo que o apoia. É isso que explica a grande força moral dos nossos combatentes.

Como, nesta guerra, o povo e o seu exército lutam lado a lado, o combate é vivo e toma mil e um aspectos diferentes, conforme o terreno e as possibilidades de cada região (guerrilha e guerra de movimento). Por outro lado, nós somos capazes de prolongar o combate até à vitória final, apesar da fúria do inimigo dotado de um equipamento relativamente moderno.



O que é que se deve fazer para conduzir uma guerra do povo?

Armar o povo e desencadear o movimento dos "partisans".

Desencadear o movimento dos "partisans" é o melhor meio para levar toda a população ao combate, para organizar e instruir um poderoso exército de reserva. Tu do isto vai reforçar as nossas tropas regulares para fazerem uma guerra prolongada.

O inimigo massacra e viola com selvajaria, apodera-se das terras, rouba os bens e destrói as colheitas. Por toda a parte, os homens saudáveis e corajosos pegam em armas para defenderem a população e para lhe permitirem continuar o trabalho de produção. Eles ajudam a população a criar o vazão diante do inimigo, ajudam a recolher informações, a liquidar os traidores e a fazer sabotagens, quando é possível. Mas, mesmo assim, eles não abandonam o trabalho da produção. Eles amam a sua aldeia natal, a sua pátria. Estão profundamente ligados aos seus lares, às suas aldeias, aos seus campos de arroz, aos túmulos dos seus antepassados.

A arrogância dum inimigo nojento encheu-os de raiva. Por isso, eles entraram na luta com facas, paus, lanças, arcos, espingardas, granadas, minas, até mesmo com simples paus afiados de bambú, com pedras ou tijolos. Eles ajudam as tropas regulares ou formações de guerrilheiros a fazer a guerra. Eles formam as milícias populares de auto-defesa.

Os mais ardentes dentre eles deixaram a frente da produção para formarem, sozinhos ou com a ajuda das tropas regulares, grupos regionais de guerrilheiros.

Estes destacamentos de guerrilheiros operam num sector determinado. Eles defendem uma região ou um distrito contra as operações de limpeza do inimigo, ajudam a população a trabalhar nos campos, a defender os seus bens dos roubos, a fazer a propaganda armada, a liquidar os traidores e os piratas, a fazer emboscadas e a atacar de surpresa os postos isolados. Eles colaboram em todas as circunstâncias com as tropas regulares, para fustigar o adversário e o liquidar em parte ou totalmente. O seu armamento deve ser melhor que o das milícias de auto-defesa; devem ter espingardas, armas automáticas, minas, granadas, bazucas, etc.

Neste momento, as milícias de auto-defesa, os destacamentos de guerrilheiros e as tropas regulares são as três formações do povo em armas (+).

Os partisanos, os guerrilheiros e o conjunto da população constituem a força de reserva do exército regular. Os destacamentos de guerrilheiros de várias aldeias, ou devã

---

(+) - Actualmente, as nossas formações armadas são só de dois tipos: as tropas regulares e os "partisanos"; os partisanos por sua vez compreendem os guerrilheiros e as milícias de auto-defesa.

Mas, no futuro, logo que o nosso armamento e o nosso enquadramento se reforçarem, nós teremos três tipos de formações nitidamente diferentes: as tropas regulares, os destacamentos de guerrilheiros regionais e as milícias populares.

Os "partisanos" combatem ao mesmo tempo que continuam a ter as suas ocupações habituais; os destacamentos de guerrilheiros regionais largam a produção, estendem a sua acção a toda uma região e procuram o inimigo para o liquidarem.



rios cantões, que se juntam para uma acção combinada, podem constituir uma brigada regional de guerrilheiros.

Unidades de guerrilheiros muito combativos que se agrupam para o combate, podem transformar-se em tropas regulares.

Na nossa resistência prolongada, a transformação do simples homem do povo em soldado do exército regular é todo um processo constante. Basta observar esse processo para se ver logo que o povo é um reservatório de homens para o exército e para se ver que os destacamentos de guerrilha e auto-defesa são a massa donde saiem as tropas regulares.

A força dos "partisans" cria o poderio do exército regular. Com boas formações de guerrilheiros e boas unidades regulares, a nossa vitória será certa.

Lenine dizia:

"Quem ganha a guerra é aquele que tem mais fontes de reserva, mais fontes de força e de resistência no seio da massa do povo". - Lenine (Discurso pronunciado no Oitavo Congresso dos Soviets da Rússia).

Mas nós podemos dizer que já temos um movimento de "partisans"? Claro que sim, mas esse movimento não se estendeu ainda a todo o país e ainda não tem a mesma intensidade, em toda a parte.

Ele está bastante desenvolvido e promete ganhar ainda terreno em certas regiões como o Sul do Vietnam e como a parte Centro do Vietnam e, recentemente, o Thua Thien, o Quang Tri, os arredores de Hanoi, Haiphong, Nam Dinh, etc...



No conjunto, os nossos guerrilheiros e os nossos "partisans" armam-se e treinam-se a um ritmo satisfatório. Eles mostraram dinamismo, e iniciativa.

Merecem ser citados, como exemplo para a nação, os combates que eles travaram na estrada nº 5, à volta da capital, na estrada de Saigão-a-Mytho, em Ban Long (Quang Tri), no princípio deste ano, em Dinh Bang (Bac Ninh) e Cu Da (Ha Dong) no mês passado. Nunca será demasiado elogiar os "partisans" os guerrilheiros de muitos lugares pelo seu esforço para a constituição de aldeias fortificadas e para o estabelecimento de redes subterrâneas defensivas. Em outros lugares, eles formaram grupos especializados nos combates com minas contra os tanques e os comboios fluviais.

No entanto, nós notamos muitas insuficiências e muitos erros no actual movimento dos "partisans".

+ + + + + + + + +

No geral, o que falta é a unidade de acção. Temos tendência ao formalismo; temos falta de realismo.

O armamento é ainda insuficiente, sobretudo as munições, as granadas, as minas que são tão necessárias aos "partisans".

Não há número suficiente de instrutores e de quadros dirigentes. O trabalho político é tão fraco que,

em certos lugares, os partisanos e os guerrilheiros são mal vistos pela população. Ainda não pudémos acabar com todos os mal-entendidos e as rivalidades mesquinhas com as tropas regulares.

No combate, a coordenação com o exército não é tão estreita como o que se deseja. Os "partisanos" das comunas têm tendência a abandonarem a produção.

Muitos regimentos de guerrilheiros só fazem combates de posição e não sabem utilizar todos os truques da táctica de guerrilha.

Esperemos que os responsáveis das formações de partisanos e guerrilheiros façam os esforços necessários para impulsionar por toda a parte o movimento e lançar nas comunas, nos cantões, nos distritos, nas províncias e até nas regiões ocupadas uma campanha de emulação para a organização das milícias e para a edificação das aldeias fortificadas.

Esperemos que eles armem os "partisanos" e lhes ensinem como substituir as suas armas rudimentares por outras mais modernas arrancadas ao inimigo.

Esperemos que eles espalhem as experiências de combate das milícias, para que os partisanos e os guerrilheiros da zona ocupada ataquem sem descanso a rectaguarda do inimigo.

Esperemos que as tropas regulares, as formações de guerrilheiros e as milícias pro

carem liquidar as rivalidades estúpidas a todo o custo. Partisans, guerrilheiros e soldados das forças regulares são todos filhos do povo. O exército deve fazer a instrução das milícias em todos os sítios onde acam - par; e as milícias devem acolher bem o exército e apoiá-lo logo que ele chegue a uma região. Quando se trata de uma acção combinada, as forças regulares devem avisar os partisans antes de se retirarem. Os guerrilheiros devem dar informações às unidades estabelecidas na sua região sobre todas as suas actividades e pedir a colaboração dessas unidades se for preciso. Se são recuperadas armas, numa acção combinada, devem repartir - se essas armas de uma maneira racional e equilibrada.

O sucesso ou a derrota da nossa resistência prolongada está nas mãos do povo. Mas é claro que, no plano militar, são as forças regulares, os guerrilheiros e os "partisans" que acarretam com o maior peso de responsabilidade.



LIQUIDAR AS TENDÊNCIAS ERRADAS

Nos capítulos anteriores fizemos uma crítica rápida a um ou outro erro relativo à resistência. Chegou o momento de criticar quatro grandes tendências que é preciso liquidar para realizarmos a unidade de pensamento e de acção entre os quadros e entre a população, durante a resistência.

Essas tendências erradas são:

- 1 - O derrotismo e o pessimismo
- 2 - A subestimação do inimigo
- 3 - A tendência ao compromisso a meio do caminho
- 4 - A procura duma terceira potência como medianeira.

O que é que dizem OS DERROTISTAS E OS PESSIMISTAS?

Eles dizem que somos um povo pequeno, pobre, mal armado, vivendo num território pequeno e que caminhamos para uma derrota.

Dizem que, para acabar com isto, era melhor aceitar a tutela da França e aceitar o regime de "autonomia". Eles perguntam: Para quê criar novas dificuldades levantando-nos contra uma potência que dispõe de enormes forças de terra, de mar e do ar, de tanques e de uma artilharia temível? Eles chegam a dizer que o nosso povo é pouco instruído e o nosso país tão fraco que não seria capaz de ser independente. O fantoche Tran Van Ty da clique Lê Van Hoach teve o descaramento de pronunciar esta frase infame que merece ser eternamente coberta de vergonha pelo nosso povo: "Mesmo que a França nos desse a independência nós recusávamo-la".

Tais propósitos provam que os pessimistas, vendidos, derrotistas e poltrões sobreestimam o inimigo de uma maneira tão exagerada como eles subestimam o nosso povo.

É verdade que temos falta de armas, mas já conseguimos fabricá-las para responder às necessidades da resistência. É indiscutível que conseguiremos produzir armas mais aperfeiçoadas, à medida que a guerra continuar. E se soubermos aproveitar todos os recursos da guerrilha e da guerra de movimento, nós conseguiremos recuperar material moderno do Corpo Expedicionário com o nosso armamento pouco perfeito. Assim poderemos vencer um adversário melhor armado do que nós.

O nosso território é pequeno, as nossas riquezas limitadas e a nossa população pouco numerosa; mas, por outro lado, como mostrámos no capítulo 11 (As nossas dificuldades e as dificuldades da França), o nosso inimigo vem dum país longínquo, ele tem de transportar as suas tropas a grandes distâncias e dispersar as suas forças para fazer face a muitas acções; ele saiu da última grande guerra esgotado económica e financeiramente; no plano interior, ele está enfraquecido pelos conflitos entre os



diferentes grupos políticos, entre os capitalistas e os trabalhadores.

Pelo nosso lado, pondo de lado a questão das armas, o nosso povo aumentou a consciência política e o seu nível de organização. A nossa frente nacional unida consolidou-se e alargou-se. A situação internacional já não é a mesma que era depois da guerra de 1914-1918. A subida impetuosa do movimento para a independência e a democracia forma uma rectaguarda que sustenta a nossa luta. Nós temos todas as condições para fazer a guerra, uma guerra prolongada. E conduzir uma guerra prolongada, é para nós a vitória. A tendência ao derrotismo e ao pessimismo não pode manter-se.

Durante estes ultimos tempos, formou -se uma dita "Frente Nacionalista Unificada" (debaixo da direcção de Nguyen Hai Than, Nguyen Tuong Tam, Tran Trong Kim, Nguyen Van Sam). Sob a capa de "independência e unida de no seio da União francesa", estas pessoas preparam, na realidade, a assinatura dum acordo com as velhas raposas imperialistas francesas e americanas para sabotar a nossa resistência e dividir as nossas fileiras. As teorias derrotistas desses traidores são muito mais perigosas que a "teoria de lambeiras botas" de Timong Dinh e o "autonomismo" ou o "suicidismo" (+) de Lê Van Hoach.

---

(+) - O autor faz aqui um jogo de palavras a propósito de autonomia e suicídio que são em vietnamita palavras formadas com o mesmo prefixo tu-tri, autonomia; tu-sat, suicídio. (Nota da T.F.)



Ao derrotismo e ao pessimismo opõe-se a TENDÊNCIA A SUBESTIMAR O INIMIGO. Há pessoas que sobreestimam as nossas forças e subestimam o adversário.

Dizem elas que a França, não pode ainda enviar para cá todos os reforços necessários porque ela é obrigada a enviar uma parte dos seus efectivos contra as suas colónias de Africa; por isso, devemos aproveitar a ocasião para lançar todas as nossas forças em algumas batalhas decisivas, em vez de procurar prolongar a luta. Segundo eles, uma guerra prolongada só vai arruinar o nosso povo e esgotar as nossas forças.

Esta é a tese do aventureirismo e do suicídio daqueles que propõem uma "guerrarápida para um resultado rápido". Nada é mais arriscado do que isso.

Em última análise aqueles que subestimam o inimigo são os que têm medo dele; são os que têm medo das dificuldades e da guerra de longa duração.

Se nós tivéssemos seguido a sua maneira de ver, teríamos queimado as nossas forças em algumas batalhas muito duras e teríamos gasto o nosso potencial, logo nos primeiros dias. Ficariamos assim completamente esgotados e sem forças para continuar o combate!

E isto porque, no princípio, o inimigo é superior a nós; está no máximo das suas forças. Ele concentra os seus meios para nos esmagar e somos nós que devemos evitar esses combates desiguais e conservar o nosso potencial para poder lutar durante muito tempo.

Ao mesmo tempo que fazemos a guerra, nós reforça-

mo-nos; nós enfraquecemos e desencorajamos o adversário e esperamos a ocasião favorável para passar ao contra-ataque e liquidá-lo. O prolongamento das hostilidades, em vez de gastar as nossas forças vai aumentá-las e vai enfraquecer o inimigo, cada vez mais.

As pessoas que subestimam o adversário querem queimar todas as forças da resistência num ataque de raiva, dizendo que é para evitar ao povo os sofrimentos de uma guerra prolongada. Mas que desgraça querem evitar ao povo, se, afinal, tentam levar o nosso exército à destruição e mergulhar a pátria na escravidão?

Felizmente que esta tendência de obter um "resultado rápido por meio duma acção rápida" não está muito espalhada e não teve graves consequências. As próprias pessoas que, quando se desencadeou a resistência nacional, estavam prontas a resolver tudo duma só vez, compreenderam rapidamente o seu erro e abandonaram esta atitude de "ou vai ou racha".

A terceira tendência a liquidar é a TENDÊNCIA AO COMPROMISSO a meio do caminho.

As pessoas que defendem esta tendência acham que uma guerra prolongada nos leva à derrota e que o melhor é chegarmos a um entendimento com a França para poupar sacrifícios ao povo e reorganizar as nossas forças o mais depressa possível, evitando assim perdas inúteis.

Eles inquietam-se face aos sucessos passageiros do inimigo, e pensam que a guer



ra está perdida porque nós cedemos terreno. Eles não vêem como é complicada esta guerra: os sucessos do inimigo vão levá-lo à sua perda, as nossas derrotas preparam a nossa vitória de amanhã.

O fim da nossa resistência é a independência e a unidade. Se a França reconhece um Viet Nam independente e unificado no seio da União Francesa, vai ser-nos possível começar as conversações para a paz. Mas enquanto ela não renunciar aos seus fins agressivos ou se limitar a dar-nos uma independência e uma unidade ilusórias, nós não vamos depôr as armas. Vamos bater-nos até ao último homem, até ao último fôlego, sem transigir a meio do caminho.

Quem diz transigir, diz capitular. Nós carregámos as nossas espingardas, abrimos fogo. Os nossos compatriotas não deixarão as armas, enquanto não cumprirem a sua missão!

Podemos nós imaginar uma resistência sem dificuldades?

Nós devemos combater ao mesmo tempo que mobilizamos moralmente o povo para que ele se bata valentemente e participe na resistência, até ao fim. Se alguns combatentes desgastam as nossas forças, outros, pelo contrário, aumentam-nas. É preciso portanto sabermos combater de maneira a fazer crescer o nosso potencial. Se aceitarmos um compromisso, se capitularmos, as forças francesas vão desarmar-nos. Nessa altura, com o que é que ficamos para falarmos de perda ou de vitória?

Há pessoas que, roídas por um medo doentio, se inquietam só com a ideia duma resistência prolongada. Elas imaginaram uma



maneira simplista de acabar rapidamente com a guerra: propõem formar um novo governo com menos elementos "vermelhos". Segundo eles, isso favoreceria a abertura das negociações com a França e as nossas relações diplomáticas com os outros países.

Estas pessoas pensam que uma mudança ministerial seria suficiente para parar imediatamente com a guerra. Que ingenuidade! O que decide do cessar-fogo é uma mudança do equilíbrio de forças e não algumas medidas de ordem administrativa.

Se a nossa resistência enfraquece, uma mudança de governo só servirá para mostrar um recuo e um espírito de concessão que levarão a França a ser mais exigente e mais intransigente. Desta maneira nós só espalharíamos a dúvida e a confusão na população.

Porque é que estes defensores da mudança de governo não propõem que os reaccionários, os incapazes, os hesitantes sejam substituídos a todos os escalões do aparelho administrativo para reforçar a resistência?

Na realidade, o que eles têm é medo dum guerra de longa duração. Eles não acreditam que esta guerra nos pode levar à vitória e acabam por desejar uma mudança ministerial como uma oferta sagrada que eles levariam ao altar dos colonialistas franceses implorando o armistício.

Eles não olham para a frente, só olham para trás. No caminho da resistência, eles viram as costas ao nosso fim ou então marcham recuando. Até faz pena!

Diga-se de passagem que nós não afastamos definitivamente a questão da mudança ministerial. Não há governo eterno e imóvel. Mas o nosso país tem a sua constituição. O nosso governo foi formado segundo a constituição. E por isso só pode ser mudado segundo a constituição.

Qualquer que ele seja, o nosso governo deve ser sempre o símbolo da unidade nacional, da união de todas as camadas sociais, dos partidos democráticos, das personalidades patriotas, no quadro da Frente Nacional Unida contra os colonialistas franceses agressores e debaixo da direcção dos comunistas.

Não devemos esquecer que é esta a direcção que vai decidir da vitória da revolução Vietnamita no seu conjunto, da mesma maneira que ela decide da actual resistência.

A quarta tendência que se opõe à política de resistência prolongada é a PROCURADUM MEDIANEIRO numa terceira potência. Os seus defensores não têm confiança nas capacidades do povo. Eles não acreditam na vitória final.

Qual é a terceira potência a quem eles querem implorar a mediação? Uma potência imperialista? Que perigo! Procurar a mediação dum tal país é querer fazê-lo ter o papel do juiz de L. Fontaine na fábula "A Ostra e os Argumentistas". Ou, se se prefere, o papel de pescador na história da cegonha que deixou prender o bico entre as conchas da ostra perlífera.



maneira simplista de acabar rapidamente com a guerra: propõem formar um novo governo com menos elementos "vermelhos". Segundo eles, isso favoreceria a abertura das negociações com a França e as nossas relações diplomáticas com os outros países.

Estas pessoas pensam que uma mudança ministerial seria suficiente para parar imediatamente com a guerra. Que ingenuidade! O que decide do cessar-fogo é uma mudança do equilíbrio de forças e não algumas medidas de ordem administrativa.

Se a nossa resistência enfraquece, uma mudança de governo só servirá para mostrar um recuo e um espírito de concessão que levarão a França a ser mais exigente e mais intransigente. Desta maneira nós só espalharíamos a dúvida e a confusão na população.

Porque é que estes defensores da mudança de governo não propõem que os reaccionários, os incapazes, os hesitantes sejam substituídos a todos os escalões do aparelho administrativo para reforçar a resistência?

Na realidade, o que eles têm é medo dum guerra de longa duração. Eles não acreditam que esta guerra nos pode levar à vitória e acabam por desejar uma mudança ministerial como uma oferta sagrada que eles levariam ao altar dos colonialistas franceses implorando o armistício.

Eles não olham para a frente, só olham para trás. No caminho da resistência, eles viram as costas ao nosso fim ou então marcham recuando. Até faz pena!



Diga-se de passagem que nós não afastamos definitivamente a questão da mudança ministerial. Não há governo eterno e imóvel. Mas o nosso país tem a sua constituição. O nosso governo foi formado segundo a constituição. E por isso só pode ser mudado segundo a constituição.

Qualquer que ele seja, o nosso governo deve ser sempre o símbolo da unidade nacional, da união de todas as camadas sociais, dos partidos democráticos, das personalidades patriotas, no quadro da Frente Nacional Unida contra os colonialistas franceses agressores e debaixo da direcção dos comunistas.

Não devemos esquecer que é esta a direcção que vai decidir da vitória da revolução Vietnamita no seu conjunto, da mesma maneira que ela decide da actual resistência.

A quarta tendência que se opõe à política de resistência prolongada é a PROCURADUM MEDIANEIRO numa terceira potência. Os seus defensores não têm confiança nas capacidades do povo. Eles não acreditam na vitória final.

Qual é a terceira potência a quem eles querem implorar a mediação? Uma potência imperialista? Que perigo! Procurar a mediação dum tal país é querer fazê-lo ter o papel do juiz de L. Fontaine na fábula "A Ostra e os Argumentistas". Ou, se se prefere, o papel de pescador na história da cegonha que deixou prender o bico entre as conchas da ostra perlífera.

Actualmente, em França, há algumas pessoas que também querem recorrer à ajuda dum terceiro. Elas estão prontas a inclinar-se diante do dólar e a vender a França e uma parte das suas possessões ao imperialismo americano para serem capazes de reprimir o movimento democrático na Metrópole e a subida revolucionária nas colónias. Nós queremos falar de De Gaulle e companhia. Então nós também vamos imitá-los?

Alguns esperam uma intervenção das Nações Unidas. Esquecem eles que, com a sua organização e espírito actuais, a ONU é tão incapaz de fazer respeitar a Carta de São Francisco como de votar sanções contra os seus membros que os violam?

Tivemos a prova no caso da Grécia, da Indonésia e da China. O que é que adianta levar a questão do Vietnam diante da Organização das Nações Unidas?

É possível que, no futuro, se a nossa guerra se prolongar, haja países que ponham o nosso problema diante dessa organização internacional, seja por amor da paz e da justiça, seja por simpatia, seja simplesmente por rivalidade.

Mas não devemos contar com os outros. Se nós não tivermos coragem, nenhuma força exterior poderá dar-nos a liberdade e a independência.

Em resumo, todas as tendências que estudámos são incompatíveis com uma resistência prolongada.

Se não as combatermos enèrgicamente, e las vão desenvolver-se e causarão desastres.

Se há algumas pessoas que se limitam ainda a exprimi-las abertamente ou a amadurecê-las no fundo delas mesmas, há outraspe lo contrário, que já as puseram em prática e pensam mesmo fazê-las triunfar um dia.

Nós só poderemos ganhar a guerra se realizarmos a unidade de pensamento no bloco nacional de resistência.

A liquidação destas tendências impõe -se como uma necessidade principal.



MOBILIZAÇÃO GERAL DO POVO

Esta nossa guerra popular pela liberdade e pela independência vai ser muito difícil, muito dura e muito longa.

Para a ganhar, é preciso que todo o povo participe nela, é preciso que o povo aguarde corajosamente com todas as cargas e todos os sacrifícios. E, para isso, é preciso despertar todas as energias.

Já há mais de seis meses, que nós constatamos que toda a nação apoia o nosso governo e o nosso exército: as pessoas inscrevem-se no exército, aderem ao movimento dos "partisans", ajudam as operações de engenharia militar, abastecem e informam as tropas, pagam as contribuições, curam os feridos de guerra. Em muitas aldeias, rapazes e raparigas tomaram a iniciativa de fazer as colheitas para as famílias dos combatentes, isto é particularmente comvente de ver. Esse entusiasmo e devoção são dignos de admiração. Quantos magníficos gestos de solidariedade patriótica merecem ser citados como exemplo!

Os nossos compatriotas da rectaguarda

não ficam atrás dos combatentes que se sacrificam corajosamente na frente militar.

Mas isso chega? Não!

No seio do povo, quantas forças não foram completamente mobilizadas e utilizadas, de maneira racional?

Não haverá então pesos-mortos ao lado destas energias que se levantam e se entregam sem reserva à Pátria? Será que não se encontram forças de inércia que nenhum motor pôs em movimento para as lançar nonosso combate?

Ainda temos enormes recursos humanos, financeiros e materiais que não foram mobilizados para a resistência prolongada.

Não podemos negar isto. Muitas aldeias afastadas da frente de combate estão mergulhadas num prolongado sono, sem nada saberem ou compreenderem da resistência. As detonações distantes da guerra ainda não as acordaram.

Em muitos lugares, os jovens consideram a destruição das estradas inimigas, a edificação das obras defensivas e a ajuda às tropas como o trabalho forçado do tempo dos imperialistas. Quando chegam aos locais de trabalho, eles atiram o trabalho para cima dos outros ou evitam-no, e às vezes até fogem para voltar para casa.

Quanto dinheiro dorme nos cofres ou em malas, sem ser investido na produção, ao serviço do país? Não se fez nada para acabar com a descrença, o egoísmo e a i-

nércia dessas pessoas que deixam apodrecer os seus fundos, enquanto que o nosso governo pede para se aumentar a produção. Alguns utilizam todos os seus capitais no contrabando, na especulação, no mercado negro, e enriquecem com a desgraça do país. Em vez de ser útil, o seu dinheiro só prejudica a Pátria.

Muitos homens de valor continuam a pensar que a resistência só diz respeito ao exército e ao governo e continuam a " cruzar os braços enquanto arde a casa do vizinho ".

Até já vimos alguns " especialistas " passarem os dias e noites a jogar ao ma-jong e às cartas e terem a audácia de serem pagos com o dinheiro do Estado, enquanto que os nossos combatentes se sacrificam na frente para salvar a Pátria, enquanto que os nossos operários e os nossos camponeses se esforçam para produzir armas e munições para as tropas, utensílios e víveres para o povo.

Não há ainda nenhuma lei sobre a mobilização para chamar severamente esses indivíduos à ordem, nem nenhuma propaganda bastante activa que os faça acordar e corrigirem-se dignamente.

Em resumo : as insuficiências da mobilização política, não nos permitiram estimular o ardor patriótico de todo o povo.

Os nossos jornais falam ligeiramente desta questão e ainda por cima só são lidos por uma minoria; o seu raio de acção não ultrapassa a área das regiões onde aparecem. Muitas aldeias ainda não viram um único jornal desde que começou a resistência.

Os grupos de agitação e as equipas de propaganda de choque gastam-se em discursos. As suas exortações



tornam-se cada vez mais banais porque, duma maneira geral, eles separam a propaganda para a resistência dos problemas da produção e da luta contra o analfabetismo.

As salas de informação são muito úteis, mas há ainda muito poucas.

A mobilização moral não é contínua e não atinge todas as regiões, enquanto que a contra-propaganda e as ideias desmoralizadoras não são reprimidas ou corrigidas a tempo.

Nalgumas localidades, as nossas tropas mostram-se arrogantes e autoritárias; elas impõem "trabalhos forçados". Noutras povoações, há comités de resistência e de administração incapazes, que nem sabem mobilizar as pessoas, nem sabem fazer um trabalho de explicação. Só dão ordens à toa e provocam o descontentamento popular.

Noutros sítios, alguns quadros, com a pretensão de fazerem tudo e com o seu sectarismo, afastam da resistência homens capazes ou patriotas sinceros.

Em muitos lugares, os traidores chegam mesmo a ganhar a confiança e a obterem informações sobre a posição dos nossos serviços, corrompendo os funcionários com o dinheiro ou a libertinagem.

O pior é que, em algumas regiões, houve agentes que se serviram da religião e conseguiram fundar a associação "Viet Kien" (Edificação do Viet Nam), conseguiram criar regiões católicas autónomas, conseguiram se-  
mear o derrotismo, dividir os fiéis e a levá-los a recusarem-se a pagar as contribuições ao governo. Eles dirigem a propaganda contra o Viet Minh e os comunistas, mas não se atrevem a dizer uma só palavra contra os france -

ses. Eles não param de incitar a população a desobedecer ao nosso governo, sabotando assim o nosso trabalho de mobilização moral.

É preciso destruímos esses germes perigosos. Liquidar a tempo os traidores e os reaccionários, os inimigos da resistência.

Mesmo nas nossas fileiras, nós devemos castigar aqueles que, com as suas palavras, ou actos, estão na origem de erros desastrosos. Devemos acabar com a violência dos funcionários sobre o povo, a corrupção, o sectarismo, a burocracia, o arbitrário, a tendência militarista e devemos aplicar uma política progressista no interesse do povo.

Ao mesmo tempo, é preciso intensificar sistematicamente a propaganda e a agitação. Faremos o máximo de esforços para despertar a consciência política do povo, elevar o seu patriotismo e a sua vigilância, reforçar a sua combatividade.

Através de todas as formas de propaganda possíveis: através dos jornais, livros, canção e dança, teatro tradicional e moderno, imagem e fotografia, exposições, emulação, etc... é preciso fazermos compreender ao povo porque é que ele se bate e o que ele deve fazer para vencer.

É preciso que o povo saiba que a nossa resistência será dura, mas que ela vencerá!

Só assim é que levantaremos o entusiasmo do povo para o levar a realizar a palavra de ordem: "Que os ricos dêem o seu dinheiro, que as pessoas válidas dêem a sua



força, e os homens de valor a sua sabedoria

Nenhuma energia pode mais ser perdida inutilmente, nenhuma força pode ficar fora do combate, nenhum recurso pode ser desperdiçado. Desta maneira, veremos os nossos soldados e "partisans" sacrificarem-se bravamente para esmagar o inimigo, veremos dez homens lançarem-se para tomarem o lugar do camarada que cai.

No entanto, para que o povo participe ardentemente na resistência em todos os domínios, não chega só uma propaganda política vazia.

É preciso, a todo o custo, elevar o nível de vida das massas populares, diminuir os seus encargos, reduzir as taxas de arrendamento e de lucro, assegurar uma vida decente aos trabalhadores, aos funcionários.

Para canalizar todos os recursos financeiros, é preciso receber os impostos segundo os princípios democráticos e assegurar ao povo um certo bem-estar para que ele possa contribuir para o orçamento da resistência e sustentar o exército, de maneira que ele esteja disposto a arriscar a vida para resistir aos agressores franceses, e defender os seus interesses mais queridos.

Ao mesmo tempo, é preciso consolidar e desenvolver o regime de democracia nova para que cada pessoa se sinta realmente um cidadão da República Democrática, gozando de todos os seus direitos. Deste modo tornaremos mais firme a determinação do povo de defender, a todo o custo, as suas liberdades sagradas e o poder popular na luta contra um exército que quer restabelecer o jugo de uma escravatura odiosa.



Alguns propõem que se abandone o regime de comités e se passe a nomear o pessoal da administração. Eles não vêem que a diminuição dos direitos democráticos teria consequências desastrosas para a resistência.

Melhorar a vida do povo e alargar os seus direitos democráticos, são as duas condições indispensáveis para se mobilizar politicamente o povo inteiro, a fim de lançar na luta as forças de 25 milhões de vietnamitas.

A mobilização do povo não se faz dum dia para o outro; ela exige um trabalho contínuo e regular até à vitória definitiva; uma chamada passageira não serve para nada.

À medida que a guerra se desenvolve, é preciso fazer uma larga propaganda sobre os nossos sucessos militares para elevar o moral do exército e do povo. Em caso de derrota, mostrar-lhes como se deve combater, como se defender contra o inimigo e seus agentes, como apanhar informações sobre o adversário, como fazer o segredo sobre as notícias, como organizar o reabastecimento, o socorro aos feridos, etc...

A mobilização da nação não é só um assunto do nosso governo. Longe disso. A mobilização deve ser também obra de todos os partidos de todas as organizações populares. Portanto, para que ela continue em profundidade e de maneira regular, da base até ao cimo, é preciso unir o povo nas organizações patrióticas e nos partidos democráticos, custe o que custar.

O desenvolvimento das organizações populares é uma garantia dum sucesso duradouro e profundo. Assim, para assegurar a difusão e a execução rápidas duma decisão do nosso governo, as diversas organizações devem pedir à po

pulação para se pronunciar. Para conseguirem desenvolver-se e dar impulso ao movimento, as organizações darão exemplos dos resultados obtidos pelas massas quando elas estão organizadas.

Se descuidarmos a organização das massas populares, é impossível mobilizar a nação para apoiar o nosso governo e o exército ou para levar a nação à resistência total. Le ni ne dizia assim em 1918:

"Para fazermos verdadeiramente a guerra é indispensável termos uma rectaguarda sólida e bem organizada" (Lenine - "Lancemo-nos ao Trabalho"; Pravda número de 1-3-1918).

Esta é uma das directrizes mais preciosas para nós, nesta resistência de longa duração.

A nossa resistência é uma guerra revolucionária, uma guerra justa. Ela é uma guerra nacional, total e de longa duração.

Recordemos a nossa história. Desde o dia em que expulsamos os Manchus, nunca mais fizemos uma guerra de libertação de uma tão grande envergadura para recuperar a nossa independência. Depois de termos vivido perto de um século debaixo do jugo dos colonialistas franceses, nós travamos hoje uma das mais feroces batalhas, para esmagar o invasor e reconquistar a nossa soberania.

Nós metemo-nos numa obra gigantesca mas muito dura. Já se viu alguma vez coisas grandes fazerem-se facilmente? Depois de tanto sangue e de tantas ruínas, surgirá um Vietnam novo, independente, unificado, democrático e próspero.

A unidade nacional é, sem dúvida alguma, a primeira das três condições da vitória que examinámos no 12º capítulo.

Pode acontecer que a nossa frente nacional de resistência se reforce e se alargue, sem que o movimento contra a guerra porca em França e a acção de apoio das forças democráticas mundiais a nosso favor cheguem à maturidade. Nesse caso a nossa resistência pro-



longar-se-à, as nossas dificuldades aumentarão, mas tarde ou cedo venceremos.

O futuro pertence-nos. A vitória final será nossa, mas é preciso que todo o povo se una e saiba bastar por si próprio a todas as necessidades para fazer uma resistência de longa duração.

O nosso combate passará por três fases: Objectivamente tem de ser assim. Poderiam surgir negociações durante a resistência. . Mas enquanto não tivermos ultrapassado as três fases, não conseguiremos recuperar totalmente a independência e a unidade.

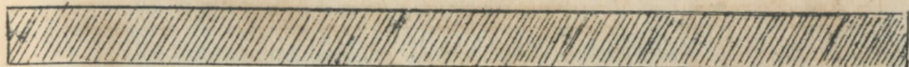
Nós lutamos contra um inimigo dos mais ferozes e perversos. A reacção francesa e internacional tenta dominar-nos pelos meios mais inesperados, antes de ser derrubada pelas forças democráticas. A tarefa de cada vietnamita é pesada. Bem mais pesada é a do Lien Viet, do Viet Minh e da nossa Organização.

O nosso povo e os nossos quadros devem vencer corajosamente todas as dificuldades, sejam elas quais forem, para levarem até ao fim a sua missão.

Com o prestigioso Presidente Ho Chi Minh no leme, o barco do Vietnam, com a sua equipagem heróica, saberá evitar todos os escolhos e passar a tempestade. Ele chegará ao porto da glória, que o espera.

anexo

VOCABULÁRIO



- A -

- ACARRETAM - Carregam. Transportam.
- ACASO - Que acontece sem se esperar.
- ACESSO - Entrada. Passagem.
- ACOSSADO - Perseguido sem ter nenhuma saída.
- ADEREM - Juntam-se. Entram (entrar numa organização).
- ADVERSÁRIO - Inimigo. Rival.
- AGUERRIDO - Combativo. Lutador.
- ALASTRA - Espalha-se. Desenvolve-se. Estende-se.
- AMPLITUDE - Extensão. Vastidão. Muita importância.
- ANÁLISE - Exame de cada elemento ou detalhe de um problema. Ver uma coisa parte por parte.
- ARMISTÍCIO - Suspensão provisória da guerra para se fazerem negociações políticas grandes.
- ATAQUES-RELAMPAGOS - Ataques muito rápidos, como as faíscas.
- ATMOSFERA - Ambiente. Ar.
- ATRITO - Conflito; divergência. Choque.
- ATROCIDADES - Crimes; barbaridades.
- AUDÁCIA - Coragem. Valentia.
- AUTONOMIA - Uma certa independência.
- AVIDEZ - Cobiça; desejo ardente de qualquer coisa (estar esfomeado, estar sequioso).

- B -

- BANAIS - Sem valor. Sem importância. Inúteis.
- BARBARIAS - Selvajarias. Crimes monstruosos.



- BASTAR - Chegar. Ser suficiente.  
 BELIGERANTES - Adversários. As forças que se combatem.

## - C -

- CAMUFLAR - Tapar. Esconder. Disfarçar.  
 CANTÃO - Divisão administrativa que pode corresponder ao concelho, em Angola.  
 CAPITULAÇÃO - Rendição. Entregar-se ao inimigo.  
 CIRCUNSTÂNCIA - Condição que acompanha um facto.  
 CLIQUE (termo francês) - Súcia. Grupo de bandidos.  
 COESÃO - Unidade. Força que une as partes de um corpo umas às outras.  
 COMANDOS - Tropas especiais, preparadas para acções rápidas dentro das zonas do inimigo.  
 COMUNA - Divisão administrativa que pode corresponder ao posto, em Angola.  
 CONCENTRAR - Juntar. Reunir.  
 CONCÊNTRICOS - Que têm o mesmo centro. Em volta.  
 CONCESSÕES - Direitos ou vantagens que se dá ao adversário.  
 CONJUGADOS - Combinados. Organizados.  
 CONSOLIDAR - Reforçar. Tornar mais forte, mais sólido.  
 CONTÍNUA - Constante. Seguida.  
 COORDENAÇÃO - Combinação de várias operações. Trabalho combinado.  
 CORPO EXPEDICIONÁRIO - Tropas enviadas para as colónias para manterem a soberania e fazerem a repressão.  
 CRAVAR - Enfiar. Meter. Espetar.

## - D -

- DELTAS - Ilha ou conjunto de ilhas que ficam entre os braços do rio, na foz.

- DESMORONAREM - Cairam aos bocados. Despedaçarem-se.
- DESVASTADORAS - Destruidoras. Que arrasam tudo na sua passagem.
- DETERIORA-SE - Estraga-se. Fica cada vez pior.
- DETONAÇÕES - Barulhos provocados por explosões.
- DILETANTE - Indivíduo que se ocupa de uma coisa por gosto e sem sentir qualquer dever. Indivíduo que não gosta do trabalho disciplinado
- DINAMISMO - Energia. Decisão.
- DISPERSOS - Espalhados.
- DISPOSITIVOS - Coisas ou pessoas colocadas duma certa maneira para um certo fim.
- DIVERSÃO - MANOBRA DE DIVERSÃO : operação militar para obrigar o inimigo a dividir as suas forças ou a descuidar o lugar onde se faz o ataque principal.

- E -

- EFFECTIVOS - O número. Quantidade.
- EFICÁCIA - Perfeição. Obtenção do efeito desejado.
- EMPECILHOS - Que estorvam; que ficam no meio do caminho e dificultam as acções.
- EMULAÇÃO - Concorrência com os outros para ver quem faz mais e melhor.
- ENGENHARIA-MILITAR - Trabalho de construção de estradas e de pontes para as tropas passarem, ou de construção de defesas fortificadas.
- ENQUADRAMENTO - Colocação do indivíduo numa organização que o forma e o controla.
- ENTRAVAM - Travam. Dificultam.
- EPIDEMIA - Doença que ataca ao mesmo tempo muitos indivíduos na mesma terra.
- EQUÍVOCO - Que tem duplo sentido. Confusão.

- ESCOLHOS - Rochedos aparecendo ligeiramente fora da água.
- ESGOTAR - Gastar até ao fim. Cansar ao máximo.
- ESPECULAÇÃO - Obtenção de lucros grandes aproveitando u ma crise. (Por exemplo: quando não há muito óleo de palma, o comerciante passa a vender duas ou três vezes mais caro; ele especula).
- ESTÁTICO - Parado. Que não mexe.
- ESTRITAMENTE - Somente. Dentro de limites determinados.
- ETNIA - Conjunto de pessoas com as mesmas características físicas, costumes e língua.
- ÉTNICO - Relativo à etnia.
- EVACUAÇÃO - Abandono do local em que se está. Retirada.
- EVENTUALIDADE - Que acontece sem se esperar.
- ENVERGADURA - Tamanho. Grandeza.
- EXACTIDÃO - Justeza. Correção.
- EXECUÇÃO - Cumprimento. Realização.
- EXÉRCITO REGULAR - Tropas destinadas a fazer só a guerra e treinadas e equipadas especialmente para isso.
- EXIGIR - Obrigar.
- EXORTAÇÕES - Apelos. Conselhos.
- EXTENSO - Comprido. Espaçoso. Grande.
- F -
- FACHO - Archote. Que ilumina e mostra o caminho a seguir. PASSAR O FACHO : entregar a responsabilidade.
- FACTOR - Elemento. O que concorre para um resultado.
- FANTOCHE - Boneco de palha que imita o homem. Em política, FANTOCHE é o homem que faz o que o imperialismo quer.



- FARDO - Peso. Dificuldade. Encargo. Carga.
- FERROVIÁRIO - Trabalhador do caminho de ferro.
- FINANCEIRO - Que diz respeito à riqueza em dinheiro.
- FLAGRANTE - Evidente. Que não engana ninguém. Visível.
- FLUTUAÇÕES - Mudanças. Movimentos.
- FLUVIAIS - Dos rios. COMBÓIOS FLUVIAIS : conjunto de barcos que andam em fila num rio.
- FORMAÇÕES - Grupos. Destacamentos.
- FORMAL - Que só tem em conta o aspecto exterior. Que só cuida das aparências e não do conteúdo das coisas.
- FORMALISMO - Atitudes formais. Maneiras de fazer as coisas só para os outros verem.
- FORTIFICADAS - Reforçadas. Construídas com materiais muito resistentes às explosões.
- FRATRICIDAS - Que se matam, sendo irmãos.
- FULMINANTE - Rapidíssimo. Rápido como a faísca.
- FUNDOS - Dinheiro.
- FUSTIGAR - Castigar. Bater continuamente.

- G -

- GIGANTESCA - Enorme. Muito grande.
- GUARNIÇÕES - Tropas que defendem um quartel ou uma base

- H -

- HOSTILIDADES - Lutas. Guerras. Combates.

- I -

- IANQUES - Termo popular dado aos americanos.
- ILUSÓRIA - Enganosa.
- IMÓVEL - Que não muda. Que não mexe.
- IMPERATIVO - Imperioso. Obrigatório.
- IMPERIOSA - Que tem de se fazer. Obrigatória.

- IMPETUOSIDADE - Fúria. Violência.
- IMPULSIONAR - Estimular. Pôr em movimento.
- IMPUNEMENTE - Sem receber castigo.
- INCESSANTES - Contínuos. Seguidos. Que não param.
- INCOMPATÍVEIS - Que não se podem associar. Inimigas.
- INDISPENSÁVEIS - Muito necessárias.
- INDOMÁVEL - Que não pode ser dominado. Que nunca se dobra.
- INEGÁVEL - Que não se pode negar. Bem claro.
- INÉRCIA - Falta de acção. Preguiça.
- INFAME - Nojento. Repugnante. Desonesto.
- INFORMAÇÃO - Notícia. Relato de um facto ou assunto.  
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO : Serviços secretos para vigiar a actividade do inimigo no seu campo e dos seus agentes no próprio campo nacional.
- INGENUIDADE - Simplicidade das crianças. Falta de experiência.
- INICIATIVA - Actividade constante. Fazer antes de todos.
- INQUEBRANTÁVEL - Que não se quebra. Que nunca parte.
- INSUPORTÁVEL - Que não se pode aguentar.
- INSURREIÇÃO ARMADA - Revolta de todo o povo, que pega em todas as armas à sua disposição para atacar as autoridades e todas as forças reaccionárias.
- INTACTOS - Inteiros. Não estragados.
- INTENSIDADE - Muita força.
- INTERPENETRAÇÃO - Entrada de umas coisas nas outras. Mistura de coisas metidas umas nas outras.
- INTRANSIGENTE - Que não cede. Duro.

## - J -

JUGO - Domínio. Corrente que prende.

## - L -

LACUNA - Falta. Vazio.

LASSIDÃO - Cansaço. Fadiga.

LIBERTINAGEM - Gozo contínuo com bebedeiras e relações sexuais. Depravação.

## - M -

MAGNATE - Ricaço. Grande capitalista.

MERCADO-NEGRO - Negócio feito às escondidas das autoridades para se obter mais lucros.

MALEABILIDADE - Flexibilidade.

MALEÁVEL - Flexível. Fácil de se adaptar ou de trabalhar.

MANCHÚS - Habitantes da Manchúria, que era um antigo país poderoso.

MATURIDADE - Evolução completa. Acabamento.

MECÂNICAMENTE - Sem pensar. REGISTRAR MECÂNICAMENTE : não tirar ensinamentos do que se passa à volta. Guardar na memória factos ou assuntos sem estabelecer as relações entre eles. Não pensar a fundo nas coisas, nos seus aspectos particulares e nas relações entre elas. Não fazer comparações entre os assuntos ou factos, para tirar conclusões.

MEDIANEIRO - Aquele que intervém para estabelecer acordo entre duas ou mais pessoas.

METÓDICO - Feito com método. Feito com cuidado. Que faz as coisas vendo sempre todos os aspectos e com muita ordem.

MÉTODO - Maneira cuidadosa de fazer uma coisa desde o princípio ao fim.



MINUCIOSA - Escrupulosa. Pormenorizada. Feita com todos os pormenores.

MOBILIDADE - Facilidade em se mover.

- N -

NEGLIGÊNCIA - Descuido. Preguiça. Desleixo.

NEUTRALIZAR - Anular.

NEVRÁLGICO - De importância extrema. Muito sensível.

- O -

OBSTÁCULO - Barreira. Estorvo. Dificuldade.

OBJECTIVAMENTE - Concretamente. Baseado sobre o que existe.

OBTER - Receber. Conseguir.

OBJECTIVO - Fim que se quer atingir. Alvo.

OPORTUNO - Favorável. Que vem a tempo.

OPOSIÇÃO - Posição frente a frente. Posição contrária.

ORQUESTRA - Combinada. Actuando ao mesmo tempo.

- P -

PÂNICO - Medo sem razão. Susto.

PARCIAIS - Partes. Bocados.

PARTIDÁRIO - Adepto. Defensor.

PARLAMENTARES - Deputados.

PASSIVIDADE - Moleza. Falta de reacção. Inacção. Inércia.

PENETRAREM - Entrarem. Introduzirem-se.

PERDER A CABEÇA - Perder a calma. Começar a agir à toa.

PERLÍFERA - Que produz pérolas.

PERFÍDIA - Falsidade. Traição.

- PERSPICÁCIA - Inteligência. Vivacidade de espírito.
- PERSUADIR - Convencer. Aconselhar.
- PESOS-MORTOS - Estorvos. Inúteis.
- PILHAGEM - Roubo. Saque.
- PLANO - Organização de um trabalho. Preparação de uma operação prevendo o que se pode passar e o que se deve fazer.
- POLTRÕES - Covardes. Medrosos.
- PONTO-CHAVE - Lugar muito importante que fecha a defesa duma região ou que serve para abrir a defesa do adversário. (Por exemplo : um cruzamento importante de vias de comunicação; uma passagem apertada nas montanhas, que dá acesso ao vale ou à mata das altas montanhas).
- POSSESSÕES - Domínios. Colónias.
- POTENCIAL - Conjunto de meios para entrar em acção. (Há o POTENCIAL MILITAR : número de pessoas mobilizadas e a mobilizar; armamento e equipamento; fábricas de armamento, etc. Há o POTENCIAL ECONÓMICO : as pessoas que podem trabalhar e a sua capacidade técnica; as riquezas dadas pela Natureza no solo e debaixo da terra ).
- PRECISÃO - Exactidão. Certeza.
- PRESTÍGIO - Grande influência. Muito respeito.
- PRETENCIOSAS - Vaidosas. Impostoras.
- PREVISÕES - Cálculos.
- PRIMAZIA - Prioridade. Primeiro lugar.
- PROCESSO - Maneira como se desenvolve um acontecimento. Marcha dum acontecimento.
- PRODIGIOSA - Maravilhosa. Surpreendente.

PROPAGANDA-ARMADA - Propaganda feita pelas forças armadas de libertação junto do povo, incitando-o a preparar-se para a luta armada, participar nela, ajudar as forças de libertação.

- Q -

QUALIFICADO - Com as qualidades necessárias. Experimentado.

- R -

RACIONAL - Feito com raciocínio. Pensado profundamente.

REBENTO - Botão duma planta. Filho.

RECÍPROCO - Mútuo. Que se troca.

RECORREM - Lançam mão de. Apelam.

RECTIDÃO - Justiça. Legalidade. Honestidade.

RECURSOS - Meios. Possibilidades.

RELAXA - Afroixa. Amolece.

REPERCUSSÃO - Consequência. Reflexão.

RETER - Segurar. Impedir.

RIVALIZA - Procura igualar ou ultrapassar. Entra em competição.

ROTINA - Hábito de agir segundo o costume, sem atender ao progresso. Costume velho.

- S -

SANÇÕES - Castigos.

SANGUE FRIO - Calma. Capacidade de agir com calma nos momentos difíceis.



- SAPAM - Arruinam. Minam. Fazem cair.
- SATÉLITE - Que acompanha outro e lhe está submetido. ( Exemplo : o Malawi é um satélite da África do Sul). Planeta que gira em torno de um planeta principal.
- SECRETAMENTE - Em segredo. Às escondidas.
- SECTARISMO - Partidarismo. Maneira de só ver as coisas do próprio lado e não ver o conjunto. Não respeito das ideias dos outros.
- SECUNDÁRIO - Que está em segundo lugar.
- SERVIDÃO - Trabalho forçado prestado a alguém. Escravidão.
- SIMULTÂNEAMENTE - Ao mesmo tempo.
- SIMPLISTA - Pouco cuidadosa. Pouco pensada.
- SISTEMATICAMENTE - Sempre. Continuamente. Da mesma maneira.
- SOBERANIA - Direito de posse de um território ou coisa.
- SOBREESTIMAR - Avaliar com exagero. Exagerar.
- SUBESTIMAR - Avaliar abaixo do que é. Diminuir.
- SUBSISTÊNCIA - Alimentação. Sustento.
- SUBTERRÂNEO - Debaixo da terra. Buraco muito comprido do debaixo da terra.
- SUCUMBIR - Não poder resistir. Morrer.

- T -

- TACTEAR - Apalpar. Pesquisar. Investigar.
- TENAZ - Instrumento composto de dois braços que se abrem ou se juntam e que serve para agarrar uma coisa e segurá-la.

- TENACIDADE - Firmeza. Teimosia. Afinco.
- TEMÍVEL - Que faz medo.
- TOMBAR - Cair.
- TRANSIGIR - Ceder. Dobrar-se.
- TROCAR-LHE OS PLANOS - Baralhá-lo. Espalhar a confusão no adversário. Obrigar o adversário a abandonar as operações que tinha previsto e pensar noutras para enfrentar a nova situação.
- TUTELA - Dependência. Protecção.

## - U -

- ULTRAPASSAR - Passar à frente. Transpôr.
- UNIFICADO - Reunido num todo.
- UTENSÍLIOS - Instrumentos de trabalho. Ferramentas.

## - V -

- VANTAGENS - Superioridades. Situações favoráveis.
- VÍVERES - Alimentos.
- VULNERÁVEIS - Fáceis de ser atingidos. Defeituosos. Mais fracos.

